

Os dois lados da fronteira:

imigração bolíViana, gênero e o uso estratégico dos espaços

Roberta Guimarães Peres

Como citar: PERES, R. G. Os dois lados da fronteira: *imigração boliviana, gênero e o uso estratégico dos espaços*. In: TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C. BAENINGER, R. (org). **Migrações: Implicações passadas, presentes e futuras**. Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 279-329
DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-267-3>. p. 279-329



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

OS DOIS LADOS DA FRONTEIRA: IMIGRAÇÃO BOLIVIANA, GÊNERO E O USO ESTRATÉGICO DOS ESPAÇOS¹

Roberta Guimarães Peres²

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo o estudo da migração feminina boliviana para Corumbá – Mato Grosso do Sul, através de seus condicionantes – tanto na origem quanto no destino – e dos impactos e especificidades observadas neste fenômeno, além do uso estratégico de recursos dos dois lados da fronteira. A migração de mulheres tem sido foco nos debates recentes sobre migração internacional. Nesse sentido, tirar as mulheres migrantes da invisibilidade ou, ainda, do papel de acompanhantes de homens em fenômenos migratórios é objetivo de diversos pesquisadores (PHIZACKLEA, 1983; MOROKVASIC, 1984; PESSAR, 2000; BOYD;

¹ Trabalho inicialmente apresentado no I Seminário Migrações e Cultura, realizado em setembro de 2011, na UNESP/Marília, com o título *Espaços Migratórios na Fronteira: Imigração Boliviana e Gênero*. Estudo realizado no âmbito do Projeto Temático da FAPESP “Observatório das Migrações em São Paulo: fases e faces do fenômeno migratório no Estado de São Paulo” (NEPO/UNICAMP).

² Doutora e Mestre em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas. Email: roberta@nepo.unicamp.br

GRIECO, 2003; ENGLE, 2004). A desconstrução do migrante como indivíduo do sexo masculino e a incorporação das mulheres e suas experiências às análises de fluxos migratórios foram importantes avanços dos estudos recentes.

Essas experiências estão associadas às transformações sofridas por elas, desde a saída de seus lugares de origem até a inserção na sociedade de destino. Entre estes dois pontos da trajetória migratória das mulheres, estão as estratégias para migrar, o planejamento de seu ciclo de vida, bem como os recursos utilizados em cada uma das etapas.

Ao longo dos processos migratórios, homens e mulheres reconstróem, negociam ou reafirmam relações de poder, hierarquia e a própria identidade (CASTRO, 2006). Um estudo aprofundado da migração feminina permite a captação desses processos, bem como os impactos experimentados pelas mulheres: é através deles que as mulheres afirmam-se como agentes de equidade em fenômenos migratórios.

Para este trabalho, contou-se com três fontes de dados principais, que impõem um desafio metodológico a ser superado: censos demográficos brasileiros e duas pesquisas de campo realizadas em Corumbá³. A disposição dos dados dessas três fontes enuncia este desafio: a exploração, identificação dos limites, possibilidades de análise e preenchimento de lacunas através do aprofundamento dos dados coletados.

A *Encuesta* Corumbá, primeira pesquisa de campo, realizada em outubro de 2006, é integrante de um projeto mais amplo, “Espaços Migratórios e a problemática ambiental no MERCOSUL”, parceria entre o Institute de Recherche pour le Développement (IRD – França), NEPO/ UNICAMP e CNPq. Contribuindo para a construção de um instrumento de análise específico para os estudos de migração, esta pesquisa é uma das principais ferramentas utilizadas neste trabalho. A segunda pesquisa de campo, realizada em novembro de 2008, com recursos NEPO/CNPq, contou com a realização de 20 entrevistas qualitativas com mulheres

³ São fontes para a análise do fluxo de bolivianas para Corumbá as duas pesquisas de campo qualitativas realizadas em 2008, além do banco de dados resultantes da *Encuesta* Corumbá. Essas pesquisas contaram com o financiamento CNPq/NEPO/UNICAMP e foram realizadas em Corumbá, em novembro de 2008 e em La Paz, Bolívia, em dezembro de 2008.

bolivianas, programada a partir dos resultados obtidos da tabulação dos dados da *Encuesta* Corumbá.

O desafio metodológico apresenta-se, então, não somente na superação dos limites das fontes e incremento de sua especificidade e aproximação do objeto de estudo, mas, sim, na conjugação concomitante destes dados.

MIGRAÇÃO FEMININA E RELAÇÕES DE GÊNERO

Avanços teóricos recentes dos estudos de migração ressaltam a importância de se estudar diferenciais por sexo, transformações nas relações de gênero e também de um aporte específico para este fenômeno. Ao incorporar os diferenciais por sexo e as relações de gênero às análises de fluxos migratórios, assim, indo além da descrição das diferenças entre homens e mulheres, as teorias de migração avançam no sentido de compreender as experiências das mulheres migrantes em esferas específicas – família, domicílio e mercado de trabalho. Segundo Pessar (2000), há importantes intersecções entre transformações dos papéis de gênero, estratégias migratórias e inserção em diferentes mercados de trabalho ao longo do projeto migratório. A interdependência dessas estruturas causa diferentes impactos, principalmente, entre as mulheres, que são mais suscetíveis a essas transformações.

Compreender essas estruturas, bem como suas intersecções, exige um estudo detalhado da migração feminina num aporte teórico específico, ancorado no debate da migração como um todo, porém levando em consideração essas esferas ignoradas fora dessa perspectiva. A realidade é que o interesse pelo estudo da migração feminina é muito recente e tem o seu início a partir de constatações de volume significativo de mulheres em fluxos migratórios, onde predominavam homens ou ainda pela captação de fluxos migratórios essencialmente femininos (CASTRO, 2006).

Incorporar as diferentes características entre homens e mulheres na migração e utilizar a perspectiva de gênero nas análises demonstra a importância das diferenças socialmente construídas ao longo da migração. Esses “fatores sutis”, definidos por Boyd e Grieco (2003), referem-se a essas transformações sofridas, sobretudo, na família e com o ganho

de autonomia através da entrada da mulher migrante num mercado de trabalho diferenciado.

As relações de gênero socialmente construídas, definidas por Bourdieu (2000), são estruturas que têm sua gênese nas diferenças entre os sexos. Segundo Castro (2006), as diferenças significativas entre os sexos são as diferenças de gênero. Cada sociedade dita o que espera de cada um dos sexos. O *status* sexual marca a participação de homens e mulheres nas instituições sociais: na família, na escola, na política, na economia, no Estado, nas religiões, incluem valores e expectativas do que uma sociedade espera de ser feminino ou masculino.

Num contexto migratório, essas diferenças nas relações de gênero são patentes (PESSAR, 2000; MOROKVASIC, 2003). As transformações experimentadas por ambos os sexos são distintas e cada uma delas tem um impacto diferenciado em estruturas como família e domicílio. De fato, ao longo do processo migratório, homens e mulheres reconstróem, negociam ou reafirmam relações de poder, hierarquia e a própria identidade (CASTRO, 2006). Daí a importância de um estudo aprofundado da migração feminina. Pois as experiências das mulheres, captadas e analisadas através de uma metodologia específica, oferecem outro sentido ao fenômeno, incrementam e aprofundam seu conhecimento. As lógicas de gênero (MOROKVASIC, 2000), em contextos migratórios, expressam-se de forma “sutil e íntima”. Constrangimentos como ganho ou perda de autonomia, o debate entre a permanência e o retorno, renegociações entre os sexos, são fatores importantes para o estudo da migração feminina, uma vez que é, através dessas transformações, que as mulheres se afirmam como agentes de equidade no fenômeno.

É preciso reconhecer, no entanto, a necessidade de mudança nas perspectivas teóricas e metodológicas para o estudo da migração de mulheres. Segundo Castro (2006, p. 79):

Os marcos conceituais e metodologias de investigação utilizados para o estudo da migração masculina não são adequados para a investigação este fenômeno em sua contrapartida feminina, já que se reconhece que o ser mulher ou o ser homem incide definitivamente nas motivações, incentivos, limitações e nas possibilidades; isto é, a análise da migração feminina ou masculina é atravessada não somente por fatores econômicos, étnicos, de geração, mas também, fundamentalmente, por gênero.

Brasil e Bolívia não apresentam uma política migratória clara de intervenção, seja favorecendo ou inibindo esse fenômeno. No entanto, políticas de reforma agrária na Bolívia, principalmente a partir dos anos 1970, favoreceram um processo de redistribuição da população e o consequente crescimento do departamento de Santa Cruz, fronteira com o Brasil (BLANCHARD, 2005 apud SOUCHAUD; BAENINGER, 2008). Neste sentido, ainda que as políticas migratórias não tenham agido diretamente sobre este fluxo, a própria dinâmica populacional na Bolívia acabou proporcionando a ocupação mais efetiva da porção oriental do país, aproximando da fronteira populações de outras regiões.

Papéis desempenhados por homens e mulheres, ainda, em seus lugares de origem, também, estão relacionados à perspectiva de gênero neste estágio da migração. Relações hierárquicas nos domicílios, tarefas e ocupações sexualmente definidas, bem como diferentes redes e seus usos, afetam tanto a seletividade quanto as estratégias migratórias utilizadas por homens e mulheres.

Considerando o lugar de destino, ficam também evidentes os impactos da migração feminina. Visto que a dinâmica do mercado de trabalho específico onde se inserem os migrantes bolivianos favorece a entrada de mulheres. O comércio é uma atividade culturalmente desprezada pelos bolivianos, menor, menos valorizada e, portanto, exercida pelas mulheres, sobretudo nas culturas andinas. Logo, a inserção neste mercado tão específico de Corumbá se dá de uma forma mais rápida para as mulheres, e não para os homens.

Esta característica tão particular de Corumbá – como um lugar receptor de migrantes bolivianos, sobretudo de mulheres, dada a sua dinâmica econômica histórica – favorece a construção de outro traço marcante deste fluxo migratório: a formação de uma rede social essencialmente feminina.

As mulheres são maioria histórica entre os bolivianos em Corumbá, de acordo com dados censitários. Ainda que este não seja o fluxo mais numeroso – outras correntes de paraguaios e argentinos já representaram volume maior que os bolivianos na região – as mulheres sempre se apresentaram em igual ou maior proporção que os homens. Tomando

apenas as mulheres, as bolivianas também têm maior representatividade ao longo da história.

Somam-se, portanto, três fatores fundamentais para a formação desta rede migratória feminina. O primeiro deles, a dinâmica econômica histórica de Corumbá, relacionada a atividades comerciais, é complementado pelo segundo: o caráter menor desta atividade na Bolívia, vista como tarefa de mulheres. A soma destes dois fatores forma a principal estrutura atrativa para as mulheres bolivianas na fronteira. Intensas atividades comerciais na fronteira, principalmente com o movimento dos “sacoleiros” nos últimos 30 anos, foram decisivas para o planejamento das trajetórias migratórias dessas mulheres. A formação dessa rede feminina tem ainda um terceiro pilar, que são as relações de parentesco, sobretudo rituais, diferenciadas entre homens e mulheres, a serem discutidas adiante.

Segundo Morokvasic (2003), Engle (2004), Sakka (1999) e Phizacklea (2003), o uso estratégico dos espaços migratórios – seja apenas o lugar de destino sejam as diferentes etapas do processo – dá-se por meio da configuração dessas redes e como esta articula-se a diferentes estruturas sociais. O planejamento de etapas do ciclo de vida das migrantes, em cada um dos espaços migratórios de suas trajetórias, é realizado através dos recursos oferecidos por essas redes. As entrevistas em profundidade realizadas com mulheres bolivianas, em Corumbá, proporcionaram a construção de um “enfoque longitudinal” (DUREAU, 1992) desta migração feminina, buscando “entender como as pessoas conjugam diferentes práticas residenciais no transcurso das etapas migratórias e do ciclo de vida” (DUREAU, 1992, p. 92).

MIGRAÇÃO FEMININA: A PRESENÇA DAS BOLIVIANAS EM CORUMBÁ

Os avanços teóricos em estudos de migração apontam para a necessidade e importância do reconhecimento das mulheres como agentes de equidade em fenômenos migratórios. Segundo Harzig (2003), é fundamental a desconstrução da figura do homem provedor (*male breadwinner*) em contextos em que homens e mulheres se arriscam paralelamente em projetos migratórios.

Para identificar e compreender estes processos associam-se os dados da *Encuesta* Corumbá às entrevistas qualitativas realizadas com mulheres bolivianas. Completando o esforço metodológico proposto neste trabalho, as entrevistas ampliam o contato específico com mulheres, abordando questões que apontem para estes processos essencialmente femininos.

TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS, CICLO DE VIDA E O USO ESTRATÉGICO DOS ESPAÇOS

As trajetórias migratórias das mulheres bolivianas em Corumbá revelam suas motivações, transformações sofridas ao longo do processo e, ainda, estratégias utilizadas não apenas para percorrer etapas migratórias distintas, mas para planejá-las em função de outros fatores, especialmente ligados ao planejamento do ciclo de vida familiar. Segundo Chaves (2009, p. 137):

Relacionar a migração com os diferentes estágios do ciclo de vida – que interfere com maior peso na vida das mulheres, em função dos múltiplos papéis assumidos por elas em certas etapas – se mostrou importante para elucidar aspectos da dimensão familiar e individual da migração feminina

Trajetórias migratórias não se definem, portanto, apenas no percurso percorrido pelos migrantes em direção a seu destino: é importante apreender o uso estratégico de cada um dos espaços componentes desta trajetória, em suas variadas formas. Segundo Tarrius (2000, p. 44), durante toda a vida, os indivíduos desenvolvem estratégias residenciais que nada têm que ver com o acaso: “Minha preocupação residiu na construção de trajetórias que articulam a história de vida, tal como a descreve cada interlocutor e os acontecimentos gerais, exteriores às vontades individuais, mas contribuindo com a construção dos destinos”.

Partindo dessa perspectiva, busca-se associar o caminho percorrido pelas mulheres bolivianas até a chegada a Corumbá, associando fatores indicados por elas para a construção de suas trajetórias. Uma das especificidades deste levantamento de campo realizado em Corumbá é a captação dessas trajetórias. Através de um esforço dos próprios migrantes, ao listarem os lugares por onde passaram até a chegada ao destino, pôde-se reconstruir esses caminhos. As entrevistas qualitativas realizadas com

mulheres bolivianas em Corumbá permitiram uma análise longitudinal (DUREAU, 1992) destas trajetórias, revelando o uso dos espaços percorridos em função do planejamento do ciclo de vida individual e familiar dos migrantes.

É importante ressaltar, no entanto, que essas trajetórias foram traçadas e percorridas em meio a um cenário de transformações profundas na distribuição populacional boliviana. E os processos que conduzem ao cruzamento de fronteiras da Bolívia para o Brasil têm suas raízes estruturais fincadas nesta redistribuição populacional. São fortes e presentes neste fluxo migratório os vínculos com estes processos bolivianos, uma vez que é comum a “tendência à instalação” desses migrantes após a chegada a Corumbá (SOUCHAUD; BAENINGER, 2008). Desta forma, Corumbá tem a função de espaço final de um processo migratório essencialmente boliviano.

O cenário da distribuição da população boliviana, na segunda metade do século 20, sofreu marcantes transformações de naturezas política e econômica (DOMENACH; CELTON, 1996; SOUCHAUD; BAENINGER, 2008). Dado que a migração de bolivianos para Corumbá se estende desde antes mesmo desse processo que resultou em fluxos de migração interna na Bolívia, era esperado que esses processos se refletissem nas trajetórias migratórias desses migrantes.

De fato, os dados da *Encuesta* Corumbá revelam que as mulheres migrantes passaram por pelo menos uma etapa migratória diferente de seu lugar de nascimento: 73% delas migram internamente na Bolívia antes de atravessar a fronteira em direção à Corumbá. Enquanto os migrantes avançam em suas etapas migratórias, é formado um eixo em direção à fronteira com o Brasil e, mais adiante, em direção a Corumbá. Lia⁴, entrevistada em pesquisa de campo, percorreu quatro etapas migratórias antes da chegada à Corumbá:

Não foi difícil me acostumar. Demorei muito para chegar na fronteira e fui me acostumando aos poucos. E aqui é muito parecido com o que eu vivia lá (em Puerto Quijarro). Difícil foi sair de La Paz. Mas depois andei tanto que me acostumei.

⁴ Nome fictício. Todos os nomes das mulheres entrevistadas na pesquisa de campo foram preservados. Questionadas sobre o idioma de preferência para as entrevistas, a escolha da maioria das mulheres foi o português, embora as respostas tenham sido dadas originalmente em espanhol.

Entre as mulheres entrevistadas que haviam percorrido mais de uma etapa migratória, o planejamento do ciclo de vida familiar regeu a temporalidade de suas trajetórias. Maria, que percorreu duas etapas migratórias, afirma: “Aceitei vir com ela (a irmã) só depois que meu filho nascesse em Santa Cruz. Não queria que ele nascesse aqui. Queria que ele nascesse lá, que fosse como eu.”

A noção de pertencimento ligada a uma das etapas migratórias, citada por Maria, com relação ao lugar de nascimento de seu filho, é definida, por Tarrius (2000), como a associação entre migração e os recursos disponíveis em cada um dos lugares percorridos. Segundo o autor:

Busquei sistematicamente, mais além da história singular de cada pessoa, suas modalidades de pertencimento ou não a vastas coletividades que expressam sua memória a vastos espaços migratórios através do tempo e da sucessão de gerações. Como agregam estas memórias os lugares invadidos, ocupados, atravessados? Que recursos oferecem as etapas migratórias e os novos centros que às vezes, segundo os grandes acontecimentos da história, se sucedem nos mesmos lugares? (TARRIUS, 2000, p. 45).

Os usos desses espaços e a identificação dos recursos disponíveis em cada um deles, no entanto, são diferenciados de acordo com a etapa do ciclo de vida em que se encontram essas mulheres. Neste sentido, o planejamento das trajetórias migratórias não está ligado diretamente a recursos disponíveis em determinados espaços, mas em associação às necessidades identificadas de acordo com a etapa do ciclo de vida em que se encontravam essas mulheres.

De acordo com a etapa do ciclo de vida em que se encontravam, os recursos identificados e utilizados em cada uma dessas etapas migratórias foram diferenciados. Cora, por exemplo, descreve a sua saída de La Paz para Santa Cruz quando tinha 15 anos:

Quando meu pai morreu, fiquei com minha mãe e meu irmão. Ele se casou e saiu de casa. Convenci minha mãe a sair de lá, queria ir para Santa Cruz. Tinha uma tia vivendo lá. Nunca pensei em vir pro Brasil. Mas queria morar num lugar onde eu pudesse trabalhar em outra coisa [Cora é de uma família de agricultores] e não só ficar esperando marido.

Muito diferente foi a identificação dos recursos encontrados em Santa Cruz, descritos por Patrícia, que deixou Oruro aos 29 anos:

Minha tia ficou viúva e foi para Santa Cruz e em pouco tempo já estava trabalhando numa feira grande que tem lá. Minha prima ficou em casa conosco e só depois foi encontrar a mãe. Depois de bem pouco tempo já estava trabalhando também na feira e tinha se casado e ela é mais nova que eu. Fui morar com a minha tia para não repetir a vida da minha mãe. Queria me casar e ter filhos e, onde eu morava, eu já sabia como ia ser a minha vida para sempre.

Os recursos encontrados por essas duas mulheres bolivianas, em etapas migratórias comuns, são bem-diferenciados. Esses recursos, ainda que associados a expectativas e motivações para migrar, foram identificados através de históricos migratórios – e respectivos recursos encontrados – de outros membros da família. Por estarem em diferentes momentos de seu ciclo de vida, essas duas mulheres encontraram, numa mesma etapa migratória, no mesmo lugar, diferentes recursos que impulsionaram de maneiras distintas as suas próximas etapas.

Ao mesmo tempo em que se aproximavam da fronteira, os recursos encontrados em cada uma das etapas migratórias foram se tornando comuns à maioria das mulheres entrevistadas. O perfil do grupo, revelado pela *Encuesta* Corumbá, no entanto, é bem distinto. Expectativas principalmente relacionadas a melhores condições de trabalho impulsionaram a aproximação dessas mulheres à fronteira, mas de maneiras muito distintas, sobretudo, ao que se refere ao *status* de nupcialidade.

Entre as mulheres solteiras ou separadas que se aproximaram da fronteira, uma etapa antes de cumprir suas trajetórias migratórias, todas estavam acompanhadas de outra mulher da família, também com o mesmo *status* de nupcialidade. Encontraram em Puerto Quijarro e em Puerto Suarez novas perspectivas de trabalho, principalmente relacionadas ao comércio do lado brasileiro da fronteira.

Sai de casa com minha madrinha e fui para Santa Cruz, depois para Puerto Suarez e depois é que vim pra cá. Quando chegamos em Santa Cruz, começamos a trabalhar numa feira de artesanato. Minha madrinha veio logo para a fronteira, mas eu fiquei lá com a filha dela e uma tia porque queria estudar lá. Depois que eu terminei a escola, vim direto para

Suarez, e começamos a levar mercadoria pela fronteira, de lá para cá. Comprávamos coisas mais baratas do lado boliviano e vendíamos aqui nas feiras. Depois começamos a ficar do lado de cá e minha prima é que agora mora em Puerto Suarez e traz as mercadorias. Ela não quer morar aqui.

Entre as mulheres casadas ainda na Bolívia, que terminaram de cumprir suas etapas migratórias acompanhadas de maridos e filhos, o planejamento das trajetórias levou outros recursos em consideração: além de melhores condições de trabalho, especialmente entre as mulheres, o período em que ficaram dividindo as atividades entre Brasil e Bolívia foi mais longo. A preocupação com a disponibilidade de sistemas de saúde e educação para os filhos, por exemplo, permeou as falas de todas essas mulheres:

Eu, por mim, ficava no meio caminho. Usava o que era melhor dos dois lugares. Eu gostava de morar em Quijarro porque eu entendia todo mundo e todo mundo me entendia. Aqui eu não entendo o que as pessoas falam. Por mim, teria ficado do lado de lá... Meus filhos vão à escola boliviana. Lá eu sei o que está sendo ensinado, entendo as coisas. Aqui não entendo. Mas eles vão ao médico daqui, que é melhor. Eu não consigo. Vou ao médico de senhoras em Quijarro. Nunca vou aqui. Mas meu marido acabou arrumando trabalho aqui. Antes, ele trabalhava lá e eu vinha todos os dias trabalhar aqui. Depois que ele começou a trabalhar na mineradora, quis vir pra cá. Eu vim sem vontade. Eu ainda quero voltar a La Paz. Todo ano, eu passo um mês lá, quando as crianças estão de férias (Alice, 48 anos).

Minhas crianças só vão à escola em Quijarro. Minha filha mais velha voltou para Santa Cruz e está com uma tia para continuar estudando, quer fazer faculdade. Eu gosto de morar aqui, porque tenho muitas amigas da Bolívia e ganho melhor. Mas trabalho a mesma coisa. Não confio nas pessoas porque elas não confiam em mim. Então, não deixo meus filhos estudarem aqui. Saí de La Paz para trabalhar em Santa Cruz. Vim para a fronteira porque ganhava melhor aqui e minha madrinha estava morando aqui também. Mas eu quis ter todos os meus filhos lá. Quando nasceu o menor e eu já morava aqui, voltei para Santa Cruz para ele nascer lá. E assim eu vou... Eu sempre volto para os lugares onde morei porque gosto de lá, tenho amigos e família. Mas eu sei que ganho mais aqui e preciso ficar por causa das crianças.

De acordo com Pessar (2000), a base da construção de qualquer trajetória migratória feminina é o ciclo de vida – individual e familiar. Independentemente das expectativas construídas no lugar de origem,

as trajetórias migratórias são dependentes do ciclo de vida das mulheres migrantes. Um fator importante é sem dúvida a nupcialidade. Mas o planejamento do ciclo de vida, tanto individual quanto familiar é a questão central que define as trajetórias migratórias. Os usos dos espaços de acordo com esse planejamento orientam a mobilidade das mulheres migrantes.

Neste sentido, as mulheres bolivianas que chegaram a Corumbá planejaram sua trajetória migratória de acordo com as possibilidades encontradas em cada um dos espaços componentes. As expectativas descritas no momento de saída do lugar de origem – trabalho, casamento, estudo – foram modificando-se conforme os recursos encontrados em cada uma das etapas migratórias. Quando perguntadas se o objetivo principal era o cruzamento da fronteira, 15, das 17 entrevistadas que cumpriram mais de uma etapa migratória, afirmaram não terem planejado, no momento da saída do lugar de nascimento, viver em Corumbá.

Esta é uma importante informação resultante das entrevistas qualitativas realizadas com essas mulheres: inseridas num fluxo migratório antigo, em que a participação feminina foi sempre significativa, o projeto migratório não abarcava o cruzamento da fronteira. Esta nova etapa migratória foi acrescida ao longo da própria trajetória, quando se inseriam essas mulheres em outras redes, encontrando outros recursos que as levaram a Corumbá. Este ato reforça a relação estreita existente entre fluxos migratórios internos na Bolívia e a presença boliviana em Corumbá (SOUCHAUD; BAENINGER, 2008).

O casamento é também uma etapa importante do ciclo de vida que as mulheres captadas em Corumbá, pelas duas pesquisas de campo, levam em conta na construção de suas trajetórias migratórias. Segundo a *Encuesta Corumbá*, 43,2% das mulheres, casadas ou em união estável, têm a data da união anterior à chegada ao destino. Dentre as restantes, 85% casaram-se com homens brasileiros.

Ainda que se trate de volumes pequenos, as entrevistas qualitativas confirmam a preocupação com o casamento ao longo das trajetórias migratórias. Segundo Cora:

Eu já sabia como ia ser a minha vida lá [em La Paz] [...] eu ia ficar esperando um marido e depois continuar vivendo do mesmo jeito. Eu não queria me casar. Quando fui com a minha mãe para Santa Cruz, eu nem

pensava nisso. Depois de Santa Cruz, em Quijarro, conheci o meu marido e comecei a trabalhar na fronteira. Ele já morava no Brasil. Eu não queria me casar aqui de jeito nenhum, porque pra mim é diferente. Mas também não queria vir pra cá sem me casar porque não achava direito. Daí ele foi pra lá, casamos e moramos lá um tempo, eu trouxe a minha mãe e duas primas. E depois nos mudamos pra cá. Elas continuam lá [em Puerto Quijarro] e meus filhos passam a semana lá para irem à escola.

Souchaud e Fusco (2009) analisaram dados da *Encuesta* Corumbá referentes aos arranjos familiares dos bolivianos. Segundo os autores, com efeito, a migração se define em função do ciclo de vida e, ao mesmo tempo, ela alimenta e acelera a construção das etapas do ciclo vital. A população migrante, além de se caracterizar por perfis diferentes no momento da emigração, experimenta muitas situações de vida durante o período migratório, e essa variedade de situações familiares e individuais, em conjunto com a alta velocidade com que se modificam os arranjos familiares dos próprios migrantes na sociedade de recepção, reflete nos resultados da pesquisa.

Analisadas as trajetórias migratórias das mulheres em Corumbá em função de seu ciclo de vida, observa-se uma estreita relação entre essas duas estruturas. O ciclo de vida, especialmente casamento e nascimento de filhos, é planejado em função das etapas migratórias percorridas e dos usos estratégicos de cada um desses espaços. De acordo com o momento do ciclo de vida em que se encontram essas mulheres, são identificados, por elas, diferentes recursos em etapas migratórias iguais.

ESTRATÉGIAS MIGRATÓRIAS E REDES SOCIAIS

Se as trajetórias migratórias das mulheres bolivianas em Corumbá estão diretamente relacionadas ao planejamento do ciclo de vida individual e familiar, é necessário observar de que maneira essa articulação se estabelece, para tanto, verificando: quais as estratégias dessas mulheres para cumprir suas trajetórias migratórias em função de seu ciclo de vida? De que rede de apoio dispõem? A que tipo de auxílio recorrem?

Ainda que estudos específicos sobre migração feminina tenham definido este fenômeno como componente de uma estratégia familiar e não individual – como fluxos migratórios com fins matrimoniais – observando outros fluxos migratórios, compostos por ambos os sexos, pode-se isolar importantes fatores específicos entre as mulheres (MOROKVASIC, 2000). Estes fatores estendem-se desde a seletividade das migrantes até as mudanças experimentadas por elas ao longo de suas trajetórias.

Neste sentido, entende-se como migração feminina não apenas fluxos compostos exclusivamente por mulheres, mas o conjunto de diferenciais que fazem as trajetórias e estratégias utilizadas pelas mulheres serem diferentes das utilizadas pelos homens. As entrevistas qualitativas realizadas com mulheres bolivianas em Corumbá revelam as estratégias utilizadas ao longo de suas trajetórias migratórias. Os dados da *Encuesta* Corumbá não revelam a rede de apoio utilizada pelos migrantes segundo o sexo.

Desta forma, não se pode afirmar em que proporções as mulheres captadas pela pesquisa receberam auxílio de homens ou de outras mulheres. As entrevistas qualitativas, no entanto, apontam para a formação de uma rede essencialmente feminina, em que as mulheres circulam até a chegada a Corumbá e, após a chegada ao destino, permanecem alimentando a rede, facilitando a chegada de outras mulheres à fronteira. Segundo Juliana:

Não tem problema sair de casa se você sabe para onde vai e com quem vai. Muitas mulheres fazem isso. Eu acho que a minha vida teria sido mais difícil se eu não tivesse saído de casa. Eu vim com a minha madrinha então não teve problema nenhum. Eu fiquei em Santa Cruz e depois ela veio pra fronteira pra trabalhar e eu vim com ela. Então não é que ela me tirou de casa[...] eu queria sair porque lá eu sabia que ia viver igual à minha mãe. Não era ruim[...] mas eu já sabia como era. E não foi por aventura que eu vim, não. Nunca fui[...] rebelde!. Era só porque eu sabia no que ia trabalhar, quanto ia ganhar, que tipo de família ia ter[...] Eu não queria. É[...] hoje eu trabalho na mesma coisa. Mas é diferente. Aqui eu ganho mais e faço o que eu quero da minha vida.

O depoimento de Juliana aponta para um importante viés comumente associado à migração feminina. Segundo Chaves (2009, p. 13):

A migração feminina incorpora facilmente o viés de liberdade: a mulher saíria da proteção cotidiana familiar em busca de uma vida

mais autônoma num outro destino. Sendo assim, migrar seria crescer e se independe. Entretanto, generalidades tamanhas não se ajustam a todas as migrantes. Sem dúvida, algumas características da migração atuam no sentido de melhorar a condição de vida das mulheres: o deslocamento autônomo, a maior escolaridade, a inserção no mercado formal. Porém, essas seriam conjunções que afetariam positivamente a condição de vida de qualquer um, homem ou mulher.

A migração de mulheres bolivianas para Corumbá não parece ter esse “perfil libertador”. A decisão de migrar e também a escolha da estratégia para fazê-lo são, na maioria das vezes, coletivas. Neste sentido, sair do lugar de origem, muitas vezes, implica numa mudança de cenário para o exercício de atividades semelhantes.

Mais do que um “cálculo racional para a diminuição de riscos e custos”, a composição de uma estratégia migratória feminina envolve a articulação entre os recursos já disponíveis na origem e ainda aqueles que serão incorporados no lugar de destino (OSO CASAS, 2005). A decisão de migrar é tomada pelas mulheres a partir da perspectiva de recursos já no primeiro momento do projeto migratório. Desse modo:

Um ponto de partida crucial para o estudo da migração feminina é a relação entre as estratégias migratórias e redes sociais. É essa relação a principal estrutura que orienta as decisões tomadas por grupos ou indivíduos num fluxo migratório. A decisão de migrar, no entanto, é influenciada pela existência e pela participação em redes sociais, que conectam as pessoas em diferentes espaços (PHIZACKLEA, 2003, p. 87).

A partir das entrevistas qualitativas, observou-se a formação de uma rede migratória complexa e, essencialmente, feminina. As mulheres bolivianas deixam seus lugares de origem acompanhadas por outras mulheres, de diferentes relações de parentesco e; enquanto percorrem suas trajetórias migratórias, envolvem-se nessa rede solidária, em que a mobilidade é fator determinante. Segundo Chaves (2009, p. 12):

Análises que têm como base as redes sociais enfatizam sua importância na migração feminina; o contínuo desses movimentos cria no destino uma comunidade que se apresenta com dupla função para a comunidade de origem: protege, acolhe e ampara as migrantes, ao mesmo tempo em que zela para que seu comportamento reflita as

tradições e os costumes das áreas de origem. Outros autores consideram a relevância das redes sociais ainda maior na migração feminina porque muitas vezes elas se particularizam por gênero, isto é, constituem-se apenas de mulheres e aí atuam de forma significativa no atendimento a necessidades específicas das migrantes, ao mesmo tempo em que acolhem e protegem aquelas que buscam na migração uma forma para escapar das amarras da sociedade de origem.

A associação existente entre as estratégias migratórias utilizadas e essa rede social essencialmente feminina é descrita, pelas bolivianas, em Corumbá, como fundamental para a efetivação do projeto migratório. Mulheres deixarem seu lugar de origem com outras mulheres – à exceção do pai ou marido – é descrito, por elas, como *comum e seguro*. O apoio prestado entre as mulheres da mesma família – não necessariamente coabitante – é fundamental para a decisão de migrar e para a construção de uma estratégia migratória.

No momento da decisão de migrar e de que forma realizar o projeto migratório, as mulheres de uma mesma família prestam diferentes auxílios umas às outras, ainda que não dividam o mesmo domicílio nem tenham uma relação direta entre si. Tias – irmãs da mãe – que se casaram e foram morar em outro lugar – atraíram e abrigaram sobrinhas. Essa foi uma estratégia muito comumente apontada pelas migrantes entrevistadas, em Corumbá. Maria descreve as estratégias utilizadas no início de sua trajetória migratória:

Minha irmã saiu antes, com minha tia, para Santa Cruz. Eu fiquei em casa trabalhando com minha mãe. Quando ela morreu, minha irmã voltou e me levou para Santa Cruz com ela. Ficamos morando lá com a minha tia e duas primas. Minha tia já era separada. Daí eu me casei, não deu certo e eu voltei para a casa da minha tia e só sai de lá quando nasceu o meu mais novo.

Outra figura familiar de grande importância no fluxo migratório de mulheres bolivianas para Corumbá é a madrinha. A *Encuesta* Corumbá não aponta a relevância desta relação – foram captados apenas dois casos de mulheres que migraram com suas madrinhas. No entanto, entrevistas realizadas em Corumbá e em La Paz ressaltam a importância desta relação

simbólica de parentesco e o papel fundamental nas estratégias migratórias dessas mulheres. De acordo com Quiroga (2007, p. 10): “Existem ainda outros agentes que influenciam as decisões familiares, como os padrinhos, que em certos estratos sociais se convertem em referências morais”.

A construção social da madrinha como parentesco, descrita pelas mulheres entrevistadas em Corumbá, é construída fortemente na relação de confiança existente entre o pai, a mãe e a madrinha. Juliana descreve a saída de seu lugar de origem: *eu vim com minha madrinha, então não teve problema nenhum*. Spedding (2003, p. 65) define essa relação de parentesco ritual:

A forma de parentesco ritual que existe nos Andes é o apadrinhamento. Uma pessoa atua como padrinho ou madrinha do filho de outro em alguma cerimônia vital (batismo, primeiro corte de cabelo, matrimônio, primeira comunhão, graduação, etc.) O filho se converte em afilhado dessa pessoa e os padrinhos e pais, em compadres. Os compadres devem se visitar, compartilhar comida e bebida, oferecer hospedagem e ajudar-se em outros aspectos da vida, além de tratar-se com respeito: sem insultos ou brigas. Espera-se que os padrinhos ajudem seus afilhados no caso de gastos especiais, sobretudo referentes à educação e vestimenta, e também a conseguir emprego; em troca, o afilhado deve estar disposto a ajudar seus padrinhos quando necessitam de seus trabalhos. Todas essas atividades são voluntárias e depende dos envolvidos manter essas relações.

A relação de apadrinhamento existente nas famílias bolivianas, sobretudo andinas, é um fator facilitador da migração interna e internacional dessas mulheres. O planejamento de trajetórias e estratégias migratórias não incluía necessariamente o cruzamento das fronteiras. Muitas mulheres saíram de seus lugares de origem para Santa Cruz com objetivos restritos a este espaço: saíram de casa com suas madrinhas, que as hospedaram e, em troca, ajudaram com serviços domésticos ou cuidados com crianças. As mulheres entrevistadas descreveram essa relação como de gratidão à figura das madrinhas. Avançado o ciclo de vida dessas mulheres migrantes, muitas delas ainda alimentam essas relações: seus filhos estudam em escolas bolivianas e são hospedados por suas madrinhas. Segundo Isabel:

Sai de Cochabamba para Santa Cruz com minha madrinha. Ela tinha acabado de ter um filho e eu fui ajudar e também estudar. Se não fosse por ela, eu não teria chegado até aqui. Ela continuou em Santa Cruz quando

eu disse que queria vir pra fronteira. Mas ela me deu o dinheiro para começar a trabalhar com comércio aqui. Meu filho mais velho agora mora com ela, está fazendo faculdade.

Ao longo de todo o projeto migratório, as mulheres bolivianas acessaram suas redes sociais – principalmente de parentesco – com outras mulheres para a obtenção de auxílio em diferentes momentos. Observou-se que a companhia para migrar é obtida através dessas relações, sanguíneas ou simbólicas. Apenas 28, das 230 mulheres captadas pela *Encuesta* Corumbá, migraram sozinhas. Dentre essas, no entanto, apenas 8 migraram para viver sozinhas no lugar de destino. Entre as entrevistadas em Corumbá, nenhuma havia migrado para viver sozinha.

Uma vez que a migração de mulheres bolivianas para Corumbá é um processo longo e que envolve etapas migratórias diversas, foram comuns depoimentos como o de Cora, que afirma não ter imaginado vir para o Brasil quando migrou pela primeira vez. As mulheres que saem sozinhas de seus lugares de origem, no entanto, alcançam a fronteira mais rapidamente, sem cumprirem tantas etapas: apenas 12 mulheres, das 28 que migraram sozinhas, cumpriram mais de uma etapa migratória até chegarem a Corumbá. Ou seja, de acordo com os dados da pesquisa, as mulheres que migraram sozinhas tinham um destino na fronteira mais certo do que aquelas que cumpriram suas trajetórias migratórias acompanhadas pela família. Raquel saiu da casa dos pais direto para a fronteira:

Eu sabia que o mercado aqui, por causa dos sacoleiros, era melhor do que lá. Eu soube porque uma amiga veio morar com o marido aqui, porque ele foi trabalhar na mineradora. Eu disse para a minha mãe que eu vinha, mas ela não queria. Mas eu vim porque eu perdi o emprego lá. No fim foi bom, porque eu levo dinheiro pra ela agora.

As entrevistas revelam ainda que nenhuma mulher saiu sozinha de seu lugar de origem sem alguma amiga ou outra mulher da família esperando na fronteira. Reforça-se, portanto, um perfil do próprio fluxo migratório feminino diferente daquele de “caráter libertador”, descrito por Chaves (2009). A migração de mulheres bolivianas para Corumbá está ligada a processos de redistribuição da população na Bolívia, transformações no

cenário socioeconômico do país – que levou o departamento de Santa Cruz a configurar-se como o principal centro econômico e produtivo – e também a uma rede social essencialmente feminina para este fluxo migratório.

Para obter o primeiro emprego no lugar de destino as mulheres também se articulam nesta rede social. De acordo com os dados da *Encuesta Corumbá*, é, nesse momento, que as figuras masculinas – pai, cônjuge, irmão – têm menor participação na estratégia feminina: apenas 10% das mulheres captadas pela pesquisa receberam este tipo de auxílio no momento da obtenção do primeiro emprego. Esta é uma das especificidades mais importantes do fluxo de bolivianas para Corumbá: o comércio, principal atividade dos migrantes bolivianos na região, é culturalmente uma atividade feminina. Segundo Cecília:

Vim para a fronteira com o meu marido, a convite da minha cunhada que tinha ficado viúva. Meu marido veio primeiro porque eu tinha criança pequena. Quando nós viemos, já comecei a trabalhar com a minha cunhada na feira. Meu marido demorou pra conseguir emprego, foi difícil... [Pergunto se o marido não poderia trabalhar com ela na feira]. Isso é trabalho de mulher! Na Bolívia, os homens cuidam da terra e nós é que vendemos a mercadoria. Mas lá é diferente. É como se não tivéssemos escolha. Aqui é melhor, não parece obrigação. Tem muito homem querendo emprego de mulher agora [risos...]

Entre as mulheres entrevistadas em Corumbá, esta foi uma reação comum: quando perguntadas sobre a possibilidade dos homens trabalharem junto com elas, no comércio, poucas seguraram o riso. O observado, ao longo da pesquisa de campo, no entanto, é que muitos homens trabalham no comércio: mas nunca na venda de mercadorias. A divisão sexual desta atividade é clara: mulheres no balcão, homens no estoque.

Zélia também descreve essa divisão sexual do trabalho encontrada em Corumbá:

Aqui tem muito trabalho pra nós. O comércio é bom, tem muito comprador brasileiro que vem buscar mercadoria na fronteira. Toda mulher que chega aqui tem trabalho. Os homens não sentem tanta diferença, porque já trabalhavam lá, claro, mas ganhavam pouco. Aqui continuam trabalhando, ganham mais, é verdade, mas não como as mulheres. Muitas nunca trabalharam e passam a ter mais dinheiro que os homens.

Essa “vantagem” obtida pelas mulheres através da associação entre a dinâmica econômica de Corumbá – historicamente ligada ao comércio – e especificidades culturais de seus lugares de origem – o desígnio às mulheres das atividades comerciais – se reflete em mudanças nos papéis exercidos por homens e mulheres. Segundo Morokvasic (2000), mulheres migrantes tendem a ser segregadas em ocupações específicas no lugar de destino de acordo com os papéis de gênero desempenhados nos lugares de origem. Há um embate teórico sobre a entrada das mulheres migrantes no mercado de trabalho:

A perspectiva mais comumente adotada pelos autores é que a migração e a entrada das mulheres no mercado de trabalho do destino trazem ganhos e perdas: aumenta a exploração de mulheres e, ao mesmo tempo, oferece a oportunidade de ganho de independência, respeito e a percepção de que a situação pode se transformar (MOROKVASIC, 2000, p. 893).

Busca-se discutir no próximo item, portanto, o *status* ocupacional das mulheres bolivianas em Corumbá, ao longo de sua trajetória e suas relações com as transformações experimentadas por essas mulheres no domicílio e na família.

TRABALHO IMIGRANTE E RELAÇÕES DE GÊNERO

As transformações experimentadas ao longo das trajetórias migratórias foram detalhadamente descritas pelas mulheres entrevistadas em Corumbá. Como o relato de Maria:

Foi muito difícil chegar aqui. Eu saí da casa dos meus pais, fui para a casa da minha tia [em Santa Cruz], me casei, depois me separei e voltei pra lá. Enquanto isso eu trabalhei muito. Mas era diferente daqui. Faço aqui o que muitas mulheres fazem em La Paz, mas ganho mais dinheiro para os meus filhos. A pobreza lá é muito grande. [Pergunto o que mudou em sua vida depois da chegada a Corumbá]. Agora meus filhos passam a semana na casa da minha tia em Quijarro. Ela que me hospedou e agora ela cuida dos meus filhos, posso mandar dinheiro para ela. Antes ela que tinha me feito um favor. E hoje eu faço um favor pra ela. [Quanto à possibilidade de outro casamento]: Homem só atrapalha! Agora eu trabalho fora, trabalho em casa, cuido dos meus filhos, tudo o que eu fazia antes. Mas eu é que decido!

Cecília descreve a principal mudança experimentada ao longo de toda a trajetória migratória:

Aqui eu trabalho como comerciante, como em Cochabamba. Mas eu ganho mais dinheiro, sou mais independente. Por causa disso eu pude criar meus filhos de um jeito diferente. Hoje já são todos maiores de idade, fazem o que querem. O mais velho voltou para Cochabamba para estudar e mora com uma tia. Todos trabalham e cada um vai escolher e seguir o seu caminho quando chegar a hora. Eu era a única filha mulher e tinha obrigação de ficar em casa e por isso me casei cedo.

Migração feminina, entrada das mulheres no mercado de trabalho na sociedade de destino e transformações dos papéis de gênero desempenhados na família: de acordo com diversos autores, são essas estruturas que mantêm estreitas relações entre si e abrigam profundos diferenciais entre homens e mulheres (PESSAR, 2000; MOROKVASIC, 2000; PESSAR; MAHLER, 2001; OSO CASAS 2005). Segundo Morokvasic (2000, p. 895):

O impacto da entrada das mulheres no mercado de trabalho pode ser determinado pelas possibilidades de emprego encontradas pelos homens. Quando essas oportunidades são poucas, podem ocorrer mudanças drásticas na estrutura familiar com o aumento do número de domicílios chefiados por mulheres.

A relação descrita por Morokvasic (2000) parece se aplicar ao caso dos bolivianos em Corumbá. A oferta de trabalho entre as mulheres – culturalmente comprometidas com atividades comerciais – é patente na dinâmica econômica corumbaense. Os homens, além de enfrentarem um mercado de trabalho restrito e urbano, devem superar este obstáculo cultural para concorrer com as mulheres, o que dificilmente acontece, segundo os dados das pesquisas de campo.

Associa-se a este cenário uma rede social essencialmente feminina, em que as mulheres se apoiam mais que os homens, por exemplo, para auxílio na obtenção do primeiro emprego, quando mais recorrem ao mesmo sexo. Desta forma, a entrada das mulheres no mercado de trabalho do lugar de destino é mais eficiente e os impactos, especialmente o

aumento da renda, provocam transformações nos papéis desempenhados nos domicílios. Conforme Cecília:

As coisas começaram a mudar por isso. Ele [o marido] não tinha emprego e eu já cheguei e já trabalhava na feira. Daí eu vi que estava com o dinheiro e poderia decidir as coisas. E não deixei passar a chance. Porque lá ele resolvia tudo sozinho, porque eu ganhava muito pouco. [Pergunto quem controla o orçamento do domicílio] Ah, sou eu mesma!

De acordo com a *Encuesta* Corumbá, 58,9% das mulheres bolivianas são responsáveis pelos domicílios. Dentre essas, 48% vivem com cônjuges. As entrevistas qualitativas revelam que 16, das 20 mulheres entrevistadas, são chefes de família, sendo que apenas 3 delas vivem sem cônjuge. Este cenário aponta para uma das mais profundas transformações experimentadas por essas mulheres ao longo de suas trajetórias migratórias. Segundo Safa (1992, p. 12):

Como resultado de uma maior inserção no mercado de trabalho, tanto formal quanto informal, as mulheres migrantes estão mais que nunca assumindo responsabilidades econômicas em suas famílias, enquanto o papel do homem como mantenedor principal está se enfraquecendo. No lugar do antigo patriarcado, um padrão mais igualitário emerge, no qual mulheres e homens dividem responsabilidades no grupo doméstico, partilhando decisões, tarefas e encargos domésticos. A extensão da mudança depende de muitos fatores, mas um fator chave é a contribuição feminina para a economia do grupo doméstico.

Parece claro e esperado que a entrada das mulheres no mercado de trabalho da sociedade de destino resultasse numa mudança de papéis de gênero na família. Essa transformação entre as mulheres bolivianas, em Corumbá, no entanto, acontece em meio a disputas e conflitos com a figura do homem provedor. Cecília revela:

*O trabalho pra nós não é novidade. Nós sempre trabalhamos muito. Mesmo quem não trabalhava fora, quando é mais nova, tem que trabalhar muito em casa. Então essa coisa de “como é agora que você trabalha fora” pra mim não existe. Eu sempre trabalhei. Eu sei que todas essas mulheres que estão aqui [aponta para o resto da feira] também sempre trabalharam, pode perguntar para qualquer uma delas. **O que muda é o que acontece na sua casa.** As coisas mudaram muito mesmo. Mas pra isso teve muita briga, porque meu marido ficou desempregado quando nós viemos pra cá*

e pra ele foi muito difícil viver com o meu dinheiro. E não só com o meu dinheiro: comigo também!

Segundo Marri e Wajnamn (2007, p. 20):

A mudança do status da esposa na composição da renda familiar traz consigo alterações nos papéis desempenhados por estas no mercado de trabalho, nos casamentos e nas famílias. O aumento da renda de um dos parceiros, digamos da mulher, relativamente aos rendimentos do marido, eleva, teoricamente, seu poder de barganha. Esposas que recebem mais do que seus maridos têm maior poder de decisão.

Os conflitos descritos pelas mulheres bolivianas, em Corumbá, não eram causados apenas pelo aumento da renda feminina. Relações de poder no domicílio foram abaladas, segundo as migrantes, porque as mulheres se adaptavam mais facilmente que os homens ao lugar de destino, principalmente por causa do amparo cedido pela rede social formada por elas. Assim, os homens, menos providos deste recurso e com dificuldades de inserção no mercado de trabalho, não mantêm a mesma autoridade dentro dos domicílios.

Para Pessar (2000), os vínculos existentes entre o trabalho das mulheres migrantes e o domicílio são relacionados não só à mudança da figura do responsável, mas também à organização, controle da renda e divisão do trabalho doméstico. De acordo com a autora, a participação dos homens nas atividades domésticas varia de acordo com a composição e com o estágio do ciclo de vida do domicílio. Isabel descreve essa transformação experimentada em seu domicílio:

Quando eu cheguei aqui, não era casada nem nada. Eu vim com a minha madrinha. Daí me casei aqui com um boliviano também, então minha vida era quase igual. Eu recebi dinheiro da minha madrinha pra ter minha barraca na feira. E depois que eu devolvi, eu comecei a ganhar mais que meu marido, que nessa época ficou desempregado. Daí eu tinha um filho pequeno, não ia pagar ninguém pra ficar com ele se o pai estava do lado. Mas foi difícil. No começo, foi pior: meu marido acho que era mais criança do que o meu filho, porque a bagunça era toda dele! E daí eu tinha que fazer tudo em casa depois do trabalho. Não aguentei! Quase me separei nessa época. Como ele demorou pra arrumar emprego, acabou me ajudando mais[...] Mas brigamos muito. Hoje ele lava a louça e passa roupa. Mas ninguém sabe!

Morokvasic (2007) enuncia que os papéis de gênero desempenhados por homens e mulheres antes da migração são bastante “resistentes”, e essa transformação é um processo que acaba por contestar, dentro do domicílio, relações de poder e autoridade. De acordo com Castro (2006, p. 254):

É no domicílio em que são criados e reproduzidos, de uma geração a outra, valores, padrões de comportamento, normas ideológicas e de gênero que requerem a reprodução da estrutura sócio-econômica e cultural. É no domicílio que se moldam formas de pensamento e comportamento sexual e social, por isso se reconhece que a família produz e reproduz pautas culturais e de gênero. A unidade doméstica é um cenário onde se dividem objetivos comuns, mas também conflitos e negociações entre seus integrantes, gerando tensões, desequilíbrios e desigualdades.

As migrantes bolivianas em Corumbá enfrentam esses conflitos e tensões enquanto desenvolvem estratégias e táticas de sobrevivência numa nova ordem de papéis de gênero. Nos depoimentos das mulheres entrevistadas, observa-se que, neste processo de reconfiguração familiar, embates dentro do domicílio, especialmente com o cônjuge, são comuns:

Não acho que foi o fato de eu trabalhar que mudou as coisas na minha casa. Fui eu que mudei. O dinheiro veio por causa da mudança que eu comecei quando eu saí de casa e ele só me deu o meio para mudar. E a gente se desencontrou quando ele ficou desempregado. E daí as coisas nunca mais foram as mesmas, porque eu já estava de outro jeito, queria outras coisas (Cecília).

Aqui tem mais trabalho pras mulheres. Pode olhar. Eu não sabia que ia ser assim quando eu saí de lá. A gente ficava sabendo que o comércio na fronteira era bom por causa dos sacoleiros, mas não sabia que era igual. Acho que como tem muito boliviano aqui, a gente trouxe o mesmo jeito de fazer as coisas pra cá (Cora).

Buscou-se, com este quarto capítulo, completar o esforço metodológico proposto, partindo dos dados da *Encuesta* Corumbá e, assim, preenchendo lacunas referentes às especificidades da migração feminina com as verbalizações das mulheres bolivianas entrevistadas. Para tanto, de acordo com a bibliografia, isolaram-se esferas específicas da análise de fluxos migratórios femininos – trajetórias migratórias, ciclos de vida,

redes sociais, estratégias migratórias, reconfiguração familiar – e, de acordo com os depoimentos coletados em campo, associou-se a estas esferas uma perspectiva relacional.

O fluxo migratório de bolivianas para Corumbá é carregado de especificidades em todas essas esferas: o comportamento das mulheres é diferente dos homens e essas diferenças têm raízes nos lugares de origem e destino. A reconfiguração dessas esferas estabelece novos vínculos entre a mulher boliviana e sua família ou entre sua atividade laboral, possíveis apenas para aquelas que cruzaram fronteiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carregado de especificidades, o fluxo de bolivianos para Corumbá – Mato Grosso do Sul, apresenta-se como um importante objeto de estudo da migração feminina. As experiências dessas mulheres, forjadas por fatores estruturais ligados a espaços de origem e destino – e etapas migratórias intermediárias – ao fim de suas trajetórias, revelam transformações profundas sofridas ao longo de todo o processo. Buscou-se, neste trabalho, dada a disposição de diferentes fontes de dados, construir, desde a origem, essas etapas migratórias, associando-lhes os discursos das próprias migrantes e ainda os fatores estruturais que configuraram ao longo da história este fluxo migratório.

Partiu-se, para tanto, de um desafio metodológico: explorar três diferentes fontes de dados principais, de diferentes naturezas, dimensões e objetivos: censos demográficos e duas pesquisas de campo compõem o cenário de possibilidades de análise do fluxo de bolivianas para Corumbá.

A busca por limites e respectivas superações configuraram a estrutura do próprio trabalho: através de dados censitários, buscou-se analisar a formação de Corumbá como um espaço de fronteira relevante para a migração boliviana. Encontrados os primeiros limites de análise do fluxo migratório em si, a *Encuesta* Corumbá preencheu essas lacunas para o estudo de fluxo de bolivianos em Corumbá. Por fim, as entrevistas realizadas na segunda pesquisa de campo forneceram a dimensão necessária para a compreensão da migração feminina, dos impactos sofridos pelas mulheres

bolivianas ao longo de todo o processo, dos vínculos estabelecidos por elas entre diferentes esferas específicas de análise.

A construção de Corumbá como um espaço relevante para o fluxo de bolivianos revelou a presença desses migrantes desde o fim do século XIX na região e, ainda, a importante presença das mulheres ao longo de toda a história do fluxo migratório. Outros grupos formaram o contingente de imigrantes na região – paraguaios e argentinos, principalmente. Mas, entre os bolivianos, que se observou a presença feminina em equidade com a masculina.

Este fato aponta para a importância da migração feminina no âmbito da migração boliviana como um todo. A *Encuesta* Corumbá deu início à investigação das causas desta especificidade através da descrição detalhada deste fluxo migratório.

Através dos dados da *Encuesta* Corumbá, as diferentes experiências de homens e mulheres foram captadas, e, assim, superados limites impostos pelos dados censitários pela própria natureza da pesquisa, uma vez que o fluxo de bolivianos em Corumbá não é numericamente expressivo, o que pode causar desvios, porque se trata de uma amostra, a *Encuesta* Corumbá ofereceu possibilidades mais robustas para este estudo.

Ressalta-se ainda a importância de uma pesquisa de campo da natureza da *Encuesta* Corumbá. Realizada para o estudo específico do fluxo de bolivianos na fronteira, esta pesquisa permite a construção de diferentes perspectivas de análise: a migração feminina é uma delas. Por meio dos dados resultantes desta pesquisa, foi possível construir o leque de especificidades das experiências migratórias das mulheres investigadas através das entrevistas qualitativas realizadas em Corumbá.

Ainda que a *Encuesta* Corumbá tenha sido o principal instrumento de análise deste trabalho, não foi uma pesquisa programada com o objetivo de estudar a migração feminina. Desta forma, encontraram-se também limites para a investigação das especificidades das mulheres ao longo do processo. Para superá-los foram realizadas as entrevistas qualitativas.

Associando, por fim, os dados da *Encuesta* Corumbá às informações coletadas nesta segunda pesquisa de campo, buscaram-se as experiências, estratégias e trajetórias das mulheres, sempre através da perspectiva da incorporação das relações de gênero ao estudo.

Através da recente bibliografia dos estudos migratórios, em que a incorporação da perspectiva de gênero tem sido foco de debates teóricos (PHIZACKLEA, 1983; MOROKVASIC, 1984; PESSAR, 2000; BOYD; GRIECO, 2003; ENGLE, 2004), isolaram-se esferas de análise específicas da migração feminina. A partir deste primeiro momento, já com os dados tabulados da *Encuesta* Corumbá, construíram-se as bases para um estudo específico da migração feminina: as relações na família e no domicílio ao longo de todo o projeto migratório, as estratégias utilizadas, as causas do planejamento das etapas migratórias, uso estratégico dos espaços. As entrevistas qualitativas revelaram, por fim, importantes conexões entre essas esferas e, também, especificidades das mulheres bolivianas em Corumbá.

Segundo os dados da *Encuesta* Corumbá, as mulheres bolivianas percorreram trajetórias migratórias compostas por mais de uma etapa (CASTRO, 2006), em sua maioria. Essas trajetórias, mais do que o caminho percorrido pelas migrantes, revelam o uso estratégico de cada um desses espaços. Em busca dessa relação, foram analisadas as trajetórias das migrantes em função de seu ciclo de vida – individual e familiar.

Constatou-se, a partir desta associação, a estreita relação existente entre essas estruturas no ciclo de vida das mulheres (CHANT, 1992; PESSAR, 2000) bolivianas, especialmente no que concerne ao casamento e ao nascimento dos filhos. O planejamento das trajetórias migratórias e as estratégias utilizadas foram definidos por elas, através do momento do ciclo de vida em que se encontravam e também de suas expectativas futuras. A saída do lugar de origem depois da morte do pai ou da mãe, ou, ainda, depois do nascimento dos filhos, foram comuns às mulheres entrevistadas.

Em cada um dos espaços percorridos pelas mulheres até a chegada a Corumbá, foram identificados, em função do ciclo de vida, diferentes recursos estratégicos. Este fato é reforçado pela passagem de mulheres em diferentes momentos de seu ciclo de vida, por etapas migratórias iguais.

O uso estratégico dos espaços (PESSAR, 2000; BOYD; GRIECO, 2003; PERES, 2006) é realizado pelas mulheres bolivianas mesmo depois do cruzamento da fronteira e do estabelecimento na sociedade de destino. Por ser um espaço de fácil circulação, as mulheres optam pelo uso de serviços tanto do lado brasileiro quanto do lado boliviano: os filhos estudam em

escolas bolivianas, mas utilizam o serviço de saúde brasileiro; elas com frequência utilizam o serviço de saúde boliviano, sobretudo de ginecologia.

A interface da presença das mulheres bolivianas em Corumbá e do recente debate teórico revela especificidades deste fenômeno: diferentemente de outros fluxos migratórios femininos, as bolivianas em Corumbá planejam seu ciclo de vida em função de processos sociais ligados à origem. Casamento e nascimento de filhos são programados em função das etapas já percorridas e ainda das expectativas futuras das migrantes. Segundo Pessar (2000), migrantes dominicanas nos Estados Unidos planejam seu ciclo de vida em função do estabelecimento no lugar de destino. O fluxo de mexicanas na fronteira com os Estados Unidos apresenta a mesma característica (CHANT, 1992). As mulheres bolivianas têm um comportamento diferenciado no cenário dos fluxos migratórios femininos, uma vez que planejam tanto seu ciclo de vida quanto o uso de recursos do lugar destino em função de seu lugar de origem.

Este uso estratégico dos espaços e o próprio planejamento das etapas migratórias são sustentados pelo uso diferenciado das redes sociais (MASSEY, 1998; PESSAR, 2000). Os dados da *Encuesta* Corumbá já revelavam o acesso e uso específico dessas redes por homens e mulheres. As mulheres, além de recorrem mais frequentemente a estes recursos, fazem-no, na maioria das vezes, através de outras mulheres.

A construção de uma rede social essencialmente feminina é uma das principais especificidades da presença boliviana em Corumbá. Esta rede se estabelece através do contexto econômico da fronteira – em que o comércio é historicamente relevante –, de um traço cultural marcante na Bolívia, que reserva a atividade comercial tradicionalmente às mulheres e ainda a relações de parentesco, sobretudo rituais.

A associação destes três fatores forma esta rede permanente de auxílio entre as mulheres migrantes: desde o planejamento da primeira viagem até o estabelecimento definitivo no lugar de destino.

A utilização dos recursos disponíveis em cada um dos lugares de destino, ao longo das trajetórias migratórias, é observada em outros fluxos internacionais de mulheres (MOROKVASIC, 1984; BOYD; GRIECO, 2003). Entre as bolivianas, no entanto se estabelece uma

rede essencialmente feminina, que disponibiliza recursos específicos, que incluem auxílio no cuidado com os filhos e, principalmente, auxílio para a inserção no mercado de trabalho de Corumbá.

O estabelecimento dessa rede feminina de auxílio proporciona às mulheres bolivianas em Corumbá uma inserção rápida no lugar de destino. Os homens acabam também por trabalhar no comércio, mas respeitando a mesma divisão sexual do trabalho consolidada na Bolívia: as mulheres atendem os clientes; enquanto os homens são responsáveis pelo estoque de mercadorias.

Essa inserção diferenciada na sociedade receptora tem profundo impacto nas relações no domicílio e na família. As mulheres bolivianas experimentam em Corumbá uma reconfiguração de seus papéis nessas esferas privadas, muitas passando a controlar a renda da família, a tomar decisões no domicílio e ainda assumindo a responsabilidade por essas duas estruturas.

Neste contexto, sofrem modificações as relações de poder e os papéis de gênero (MOROKVASIC, 2000; HILL, 2004; ENGLE, 2004; CASTRO, 2006) desempenhados pelas mulheres bolivianas. As verbalizações captadas em Corumbá revelam o ganho de independência através de maiores salários, de autonomia, de poder de decisão; por outro lado, elas também revelam as dificuldades de adaptação principalmente relativas ao clima – a maioria das mulheres entrevistadas é de origem andina – e ao idioma.

O cruzamento da fronteira não é, para a mulher boliviana, simples sinônimo de libertação. É uma estratégia de sobrevivência, que conserva estruturas da origem, mas que também proporciona possibilidades de superação de dificuldades, de enfrentamento de situações de pobreza ou de amarras sociais. *“A Bolívia está em mim”* declarou – em Português – uma das mulheres entrevistadas, que todos os anos passa os meses de férias escolares em Cochabamba, com a família que permaneceu na origem.

Em outros estudos sobre migração feminina – sobretudo em fluxos de longa distância – prevalece esse viés libertador (CASTRO, 2006; CHAVES, 2009) de ganho de autonomia e independência. As trajetórias migratórias bolivianas revelam que a saída do lugar de origem é ainda uma etapa migratória distante do cruzamento da fronteira. O processo

social da migração de bolivianas para Corumbá é construído ainda no país de origem. A estreita relação mantida por essas migrantes com seu país de origem, portanto, transcende a questão geográfica da fronteira e está relacionada ao próprio processo migratório.

As possibilidades de análise apresentadas pelas fontes de dados utilizadas neste trabalho ainda não foram esgotadas, dessa maneira, deixando desafios futuros a serem investigados. O primeiro deles são as relações mantidas com lugares de origem e destino da geração intermediária – nascida na Bolívia e residente no Brasil; e também da segunda geração de migrantes – nascida no Brasil.

Segundo dados da *Encuesta* Corumbá e das entrevistas qualitativas, essa geração intermediária tem fortes ligações com seus lugares de origem. Muitos desses jovens voltam à Bolívia para estudar, com recursos enviados pelos pais, e residem em casas de parentes. A segunda geração (SALES, 1996), no entanto, desponta como importante agente articulador entre o comércio dos imigrantes em Corumbá e outros espaços, também marcados pela presença boliviana. Alguns relatos de mulheres bolivianas revelam a migração interna de seus filhos para São Paulo, com o objetivo de negociar – também com migrantes bolivianos – e transportar mercadorias a serem vendidas na fronteira.

A presença boliviana em Corumbá é marcada por especificidades ligadas a processos históricos tanto na origem quanto no destino. Buscou-se ressaltar, neste trabalho, as experiências migratórias das mulheres bolivianas ao longo de suas trajetórias, as transformações sofridas, os impactos dessa migração em esferas privadas e públicas.

Essas bolivianas – sempre com a ajuda de outras mulheres – deixaram seus lugares de origem por diferentes causas. Todas, no entanto, apresentaram um traço comum: a coragem para enfrentar o desafio do cruzamento de uma fronteira que, ainda que permita uma circulação relativamente fácil, impõe-se com dificuldades de adaptação e desafios de equidades de gênero.

REFERÊNCIAS

- BAENINGER, R. *Região, Metrópole e Interior: Espaços Ganhadores e Espaços Perdedores nas Migrações Recentes - Brasil, 1980-1996*. 1999. 200fls. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Campinas, Campinas, 1999.
- BOYD, M.; GRIECO, E. *Women and Migration: Incorporating gender into international migration theory*. Washington: Migration Policy Institute, 2003.
- CASAS, L. O. La réussite des bonnes espagnoles de Paris: stratégies de mobilité sociale et trajectoires biographiques. *Revue Européenne des Migrations internationales*, v.21, n.1, p. 107-129, 2005.
- CASTRO, J.Y.C. *Ahora las mujeres se mandan solas: migración y relaciones de género em una comunidad mexicana transnacional llamada Pie de Gallo*. 2006. 470fls. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidad de Granada, Granada, 2006.
- CHANT, S. Migration and Development: The Importance of Gender. In: CHANT, S. (Org.). *Gender and Migration in Developing Countries*. Londres: Bellhaven, 1992.
- CHAVES, M. F. *Mulheres migrantes: senhoras de seu destino? Uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1980/1991*. 2009. 156fls. Tese (Doutorado em Demografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- DOMENACH, H.; CELTON, D. *La comunidad boliviana en Cordoba*. Caracterización e proceso migratório. Córdoba: Universidad de Córdoba, 1996.
- ENGLE L. B. *The world in motion*. Short essays on migration and gender. Geneva: International Organization for Migration (IOM), 2004.
- MOROKVASIC, M. La mobilité transnationale comme ressource: le cas des migrants de l'Europe de l'Est. *Cultures et Conflits*, v.32, p.105 - 122, 2002.
- _____. In and out of the labour market: Immigrant and minority women in Europe. *New Community Gender and Migration*, v.19, n.3, p. 459 - 483, 1993.
- _____. Birds of passage are also women... *International Migration Review*, v. XVIII, n.4, p. 886 - 907, 1984.
- _____.; EREL, U.; SHINOZAKI, K. (Eds.) *Crossing Borders and shifting boundaries*. Los Angeles: Oplanden, 2003. v.I.
- OSO, L. Women, the pioneers of migration chains: the case of Spain. In: SEMINÁRIO "WORKING PARTY ON MIGRATION". *Anais...* Paris: OCDE, 1994.
- PESSAR, P. R. The Linkage Between the household and workplace of dominican women in the U.S. *International Migration Review*, v.XVIII, n.4, p.1188 - 1211, 2000.
- PHIZACKLEA, A. Transnationalism, gender and global workers. In: MOROKVASIC, M.; EREL, U.; SHINOZAKI, K. (Eds.) *Crossing Borders and shifting boundaries*. Los Angeles: Oplanden, 2003. v.I.
- SALA, G. A. *Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil*. 2005. 261fls. Tese (Doutorado em Demografia) - CEDEPLAR. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SAKKA, D. (Org.) Return Migration: changing roles of men and women. *International Migration Review*, v.37, n.4, p.741 - 764, 1999.

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortês, 1999.

SOUCHAUD, S.; BAENINGER, R. Diferenciais da Imigração Boliviana em Corumbá: resultados de pesquisa de campo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS

FRONTEIRIÇOS. *Anais...* Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), 2008.

SPEDDING, A. *Breve curso de parentesco*. La Paz: Mama Huaco, 2003.

TARRIUS, A. Leer, describir, interpretar. Las circulaciones migratória: conveniência de la noción de “território circulatório”. Los nuevos hábitos de la de identidad. *Relaciones*, v.XXI, n.83, p. 38 - 66, 2000.

A SEGUNDA GERAÇÃO DE LATINO-AMERICANOS EM SÃO PAULO: PRIMEIRAS ANÁLISES¹

Gabriela Camargo de Oliveira²

Rosana Baeninger³

CONTEXTO DAS IMIGRAÇÕES LATINO-AMERICANAS NO BRASIL E EM SÃO PAULO

Embora seja fator pouco estudado e conhecido, depois da Segunda Guerra Mundial, o Brasil recebeu fluxos imigratórios de perfil diferente dos fluxos do começo do século XX e em menor quantidade. Paiva (2007) aponta que imigrantes provenientes da América Latina – principalmente de países como Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru, Uruguai – passaram, a partir dos anos 1970, a compor o movimento de

¹ Trabalho apresentado no I Seminário Migrações e Cultura, realizado na UNESP/Marília em setembro de 2011.

² Mestranda em Demografia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/IFCH da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp. Estudo realizado no âmbito do projeto de mestrado FAPESP: A segunda geração de latino-americanos na RMSP de São Paulo. Email: gabi.co@hotmail.com

³ Professora do Departamento de Demografia e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População/UNICAMP. Estudo realizado no âmbito do Projeto Temático “Observatório das Migrações em São Paulo: fases e faces do fenômeno migratório no Estado de São Paulo” – FAPESP. Email: rbaeninger@nepo.unicamp.br

imigração internacional para o Brasil. Vários fatores contribuíram para esses contingentes migratórios regionais, desde acordos bilaterais para entrada de estudantes nos anos 1950 (SILVA, 2008) até razões políticas e econômicas dos anos 1960 e 1970, no contexto latino-americano (SILVA, 2008). Em anos mais recentes, em particular, a partir dos anos 1980, os fluxos migratórios latino-americanos destinaram-se, principalmente, para duas áreas: as regiões de fronteiras e as regiões metropolitanas (PATARRA, 2002), em especial, São Paulo e Rio de Janeiro.

No âmbito da reestruturação econômica internacional dos anos 1990/2000, os imigrantes oriundos do Mercosul corresponderam a 40% dos imigrantes internacionais legais que chegaram ao Brasil (PATARRA; BAENINGER, 2005). Em 1990, o Brasil apresentava 1,1 milhão de estrangeiros, que correspondia a 6,2% da população total. A América do Sul foi responsável por 44% do total de estrangeiros no Brasil, de acordo com o Censo de 1991, e o estado de São Paulo foi o principal receptor de imigrantes, principalmente os latino-americanos (ANTICO, 1998).

Em São Paulo, assim como no resto do país, houve um aumento do fluxo de imigrantes latino-americanos a partir dos anos 1970 e, desde então, o fluxo vem aumentando. Embora São Paulo receba imigrantes provenientes de todo o mundo, principalmente da América Latina, o maior fluxo de entrada é de bolivianos, paraguaios, argentinos, peruanos, uruguaios e chilenos (PAIVA, 2007). Nesse sentido, de acordo com estudos realizados por Silva (2008), os maiores fluxos de estrangeiros latino-americanos, em São Paulo, na atualidade, são de bolivianos, peruanos e paraguaios. A maior parte dos imigrantes latino-americanos em São Paulo veio com o objetivo de trabalhar nos ramos de confecções, comércio e serviços (SILVA, 2008).

Embora as estimativas sobre a quantidade de imigrantes residentes na cidade venham crescendo ao longo dos anos, os dados da Polícia Federal e do Ministério do Trabalho demonstram uma diminuição nos pedidos de autorização de trabalho, o que evidencia o aumento dos estrangeiros indocumentados. Devido à situação de não documentação desses imigrantes, é impossível estabelecer o número aproximado de imigrantes na cidade, o que faz o assunto de difícil estudo (BAENINGER; LEONCY, 2001).

Independente das diferenças entre os números oficiais e os estimados, é fato que a comunidade latino-americana, na cidade de São Paulo, é grande e vem crescendo cada vez mais, demonstrando um movimento migratório de fluxo constante. A comunidade latino-americana na cidade se estabeleceu ao longo dos últimos 30 anos e é presença marcante nos bairros centrais (PROJETO URB-AL, 2007). Apesar da taxa de retorno característica dos movimentos migratórios (SAYAD apud SILVA, 2008), os imigrantes latino-americanos têm construído suas vidas na cidade, permanecendo, constituindo famílias e tendo filhos em São Paulo, os quais remetem à questão da segunda geração.

A SEGUNDA GERAÇÃO: DEFINIÇÕES CONCEITUAIS

A segunda geração pode ser definida como a geração de filhos dos imigrantes adultos, que nasceram ou chegaram ainda novos ao país receptor. Conforme definido por Waters, Kasinitz, Mollenkopf (2004, p.1), “[...] a segunda geração – e a geração 1.5 – gerações imigrantes[...] ou seja, pessoas cujos pais são imigrantes, mas eles mesmos eram nascidos ou foram substancialmente criados nos Estados Unidos”.⁴

Portes (1996), no seu estudo sobre imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos, distingue três categorias. As “crianças imigrantes” seriam jovens que nasceram no exterior, mas que imigraram para os Estados Unidos, logo após a infância, para serem criados no país; já as “crianças de imigrantes” – a segunda geração – incluem as crianças de pais imigrantes que nasceram no país receptor, bem como as crianças que nasceram no exterior e que imigraram ainda bem novos, também chamados de geração 1.5; e as “crianças nativas”, crianças de pais naturais do país. Segundo o autor,

[...] três categorias distintas: crianças imigrantes, crianças de imigrantes e crianças nativas de pais nativos. A primeira categoria inclui jovens que nasceram no exterior e vieram para os Estados Unidos após a infância para serem criados aqui. A segunda inclui as crianças nascidas nos Estados Unidos de pais imigrantes e as crianças nascidas no exterior, mas que vieram ainda muito novas (algumas vezes chamados de geração 1.5). A terceira categoria, crianças nativas de pais nativos, representa

⁴ Livre-tradução das autoras: “[...] *second- and ‘1.5’ – generation immigrants... that is, people whose parents were immigrants but who themselves were born or substantially raised in United States*” (KAZINITZ; MOLLENKOPF; WATERS, 2004, p. 1).

a vasta maioria do total da população e da população adolescente⁵ (PORTES, 1996, p. IX).

Portes; Halles; Fernandez-Kelly (2008, p. 13) consideram a segunda geração de imigrantes em seus estudos, pois:

O motivo que nos levou a voltar nossa atenção para os filhos foi a constatação de que os efeitos de longo prazo da imigração na sociedade norte-americana seriam determinados menos pela primeira do que pela segunda geração [...].

Para esses autores, os imigrantes de primeira geração seriam flutuantes, mantendo-se ora no país receptor ora no país de origem, estariam na sociedade, mas não fariam parte dela; já os filhos desses imigrantes ficariam no país, como cidadãos. Além disso, seria a segunda geração a determinar a manutenção ou não de práticas culturais originárias. Portanto, estudar a segunda geração de imigrantes seria tão importante quanto estudar a primeira geração. Ademais, seria preciso compreender como a segunda geração tem se inserido na sociedade receptora e que relações mantém com a comunidade local para entender os efeitos da imigração para a sociedade. Portes et al. (2008, p.13) afirmam:

Imigrantes de primeira geração sempre foram um grupo muito flutuante, hoje aqui e amanhã já de partida, na sociedade, porém não ainda parte dela. Em contraste, seus filhos nascidos e criados nos Estados Unidos estão nesse país, sem a menor dúvida, para ficar e, como cidadãos, estão inteiramente habilitados a ter 'voz' no sistema político norte-americano (no sentido do termo utilizado em Hirschman [1970]). Portanto, o decurso de sua adaptação determinará, mais do que outros fatores, no longo prazo, o destino dos grupos étnicos gerado pelos imigrantes de hoje.

De acordo com os autores, no caso dos EUA, a hipótese da assimilação uniforme não se aplicaria totalmente à “nova segunda geração”⁶,

⁵ Livre-tradução das autoras: “[...] three distinct categories: immigrant children, children of immigrants, and native-born children of native parentage. The first category includes youth who are born abroad and come to the United States after early infancy to be raised here. The second includes native-born children of immigrant parents and children born abroad who came at very early age (sometimes called the 1.5 generation). The third, native-born children of native parentage, represents the vast majority of both the total and adolescent population” (PORTES, 1996, p. ix).

⁶ O termo “nova segunda geração” refere-se à segunda geração do fluxo migratório pós-1965 para os Estados Unidos, que é predominantemente latina e asiática, diferenciando-se do termo segunda geração, muitas vezes

que são os descendentes da corrente imigratória latina e asiática, pois ela não estaria sendo assimilada do mesmo modo que as correntes imigratórias anteriores.

Portanto teria havido mudanças nas formas de assimilação desde os primeiros estudos sobre assimilação de imigrantes. A hipótese dos autores é de que, ao contrário do que aconteceu com a segunda geração de imigrantes dos Pós-Primeira e Segunda Guerras Mundiais, a “nova segunda geração” não estaria sendo assimilada ao *mainstream* de forma uniforme, como foi a segunda geração do fluxo imigratório europeu, uma vez que

[...] a imagem de uma trajetória de assimilação uniforme não dava conta do que efetivamente estava ocorrendo. Em vez disso, o processo havia se tornado segmentado em vários percursos distintos, alguns levando a trajetórias ascendentes, outros, a trajetórias descendentes (PORTES; HALLES; FERNANDEZ-KELLY, 2008, p. 14).

Esse fato deve-se a uma variedade de fatores diversos na sociedade atual e também às diferenças étnico-culturais dos novos imigrantes. Fatores como o contexto social da sociedade receptora, composição familiar, preconceito, barreiras educacionais, características fenotípicas, políticas públicas para imigrantes e outros, fazem com que a assimilação ocorra de forma “segmentada”.

A “assimilação segmentada” (KAZINITZ; MOLLENKOPF; WATERS, 2004) pode ser definida como assimilação em alguns setores específicos da sociedade, como em setores minoritários; e não em sua totalidade.

[...] Assimilação segmentada descreve os vários resultados de diferentes grupos de jovens de segunda geração e argumenta que o modo de incorporação da primeira geração é responsável pelos diferentes acessos da segunda geração às oportunidades e redes sociais⁷ (KAZINITZ; MOLLENKOPF; WATERS, 2004, p. 7).

Ao invés da uniformidade relativa da sociedade, que dita os caminhos comuns de integração por meio dos costumes e preconceitos, hoje em dia se observa diversas formas de adaptação. Uma delas replica o retrato

associado ao fluxo imigratório europeu do começo do século 20 para os Estados Unidos.

⁷ Livre-tradução das autoras: “[...] segmented assimilation describes the various outcomes of different groups of second-generation youth and argues that the mode of incorporation for the first generation gives the second generation access to different types of opportunities and social networks” (KAZINITZ; MOLLENKOPF; WATERS, 2004, p. 7).

honorável do crescimento da aculturação e da paralela integração dentro da classe média branca; a segunda leva diretamente para o caminho oposto, em direção à pobreza permanente e assimilação nos segmentos minoritários da sociedade; ainda, a terceira associa rápido avanço econômico com preservação deliberada dos valores e laços de solidariedade da comunidade imigrante⁸ (PORTES; ZHOU, 2005, p. 90).

Para Porte e Zhou (2005), a “nova segunda geração” estaria vivendo um conflito de adaptação de ordem tanto cultural como social - entre a pressão dos pais para que mantenham laços fortes com a comunidade étnica e os desafios para ingressar num mundo não familiar e frequentemente hostil. Segundo os autores, as condições econômicas e sociais, na época dos fluxos imigratórios dos Pós-Primeira e Segunda Guerras Mundiais, eram bastante diferentes das confrontadas pelos imigrantes atuais.

As condições daquele tempo eram bastante diferentes das confrontadas pelos grupos imigrantes de hoje. [...] Primeiro, os descendentes dos imigrantes europeus que confrontaram os dilemas decorrentes de conflitos culturais eram uniformemente brancos. E mesmo quando mais escuros que os nativos, a cor de suas peles reduziu a maior barreira de entrada na sociedade norte-americana. Por essa razão o processo de assimilação dependeu largamente das escolhas individuais [...] Essa vantagem obviamente não existe para as crianças dos filhos dos imigrantes de hoje, negros, asiáticos e mestiços. Segundo, a estrutura das oportunidades econômicas também mudou. Cinquenta anos atrás, os Estados Unidos era a potência industrial mundial, e os diversificados requisitos para o trabalho industrial ofereceram à segunda geração a oportunidade de gradualmente ascender a posições melhores pagas, enquanto faziam parte da classe trabalhadora. Nos anos recentes, essas oportunidades desapareceram paulatinamente, seguindo o rápido processo de desindustrialização nacional e da reestruturação industrial global⁹ (PORTES; ZHOU, 2005, p. 86).

⁸ Livre-tradução das autoras: “Instead of a relatively uniform mainstream whose mores and prejudice dictate a common path of integration, we observe today several distinct forms of adaptation. One of the replicates the time-honored portrayal of growing acculturation and parallel integration into the white middle-class; a second leads straight in the opposite direction to permanent poverty and assimilation into the underclass; still a third associates rapid economic advancement with deliberate preservation of immigrant community’s values and tight solidarity” (PORTES; ZHOU, 2005, p. 90).

⁹ Livre-tradução das autoras: “Conditions at the time were quite different from those confronting settled immigrant groups today. [...] First, descendants of European immigrants who confronted the dilemmas of conflicting cultures were uniformly white. Even if of a somewhat darker hue than natives, their skin color reduced the major barrier to entry into the American mainstream. For this reason the process of assimilation depended largely on individual decisions... Such an advantage obviously does not exist for the black, Asian,

Esse processo, nos EUA, segundo os autores:

[...] teria deixado para os ingressantes na força de trabalho norte-americana um confrontante vazio entre as posições com salários reduzidos que normalmente os imigrantes aceitam e as posições profissionais e de alta-tecnologia que requerem alto grau de escolarização que as elites nativas ocupam. O gradual desaparecimento das oportunidades intermediárias também afeta diretamente a corrida entre o progresso econômico da primeira geração e as expectativas da segunda geração¹⁰ (PORTES; ZHOU, 2005, p. 86).

Portanto, hoje, os novos imigrantes teriam menos chances de mobilidade na sociedade receptora do que tinham os imigrantes dos fluxos anteriores. Esse fator, associado a outros – como preconceito e falta de oportunidades educacionais – estaria resultando em uma “assimilação descente”, ou seja, nos grupos minoritários do *mainstream*, dentro das subculturas, contrário ao que ocorreu aos descendentes dos imigrantes europeus, que tiveram uma “assimilação ascendente”. No entanto, segundo Portes e Zhou (2005), na realidade, a situação ainda não se tornou tão polarizada, logo, seria possível observar a assimilação em diversos segmentos da sociedade.

Conforme Portes, Halles e Fernandez-Kelly (2008), o problema seria que a segunda geração de imigrantes não estaria conseguindo se mover da situação econômica inicial da primeira geração e ingressar na “classe média” da sociedade, alimentando o ciclo de imobilidade social.

Em uma economia cada vez mais baseada no conhecimento, os filhos de imigrantes sem uma educação avançada não poderiam ascender a posições que lhes provessessem um passaporte para as classes médias e altas, e poderiam estagnar em ocupações manuais, mal-remuneradas,

and mestizo children of today's immigrants. Second, the structure of economic opportunities has also change. Fifty years ago, the United States was the premier industrial power in the world, and its diversified industrial labor requirements offered to the second generation the opportunity to move up gradually through better-paid occupations while remaining part of the working class. Such opportunities have increasingly disappeared in recent years following a rapid process of national de-industrialization and global industrial restructuring” (PORTES; ZHOU, 2005, p. 86).

¹⁰ Livre-tradução das autoras: “This process has left entrants to that American labor force confronting a widening gap between the minimally paid menial jobs that immigrants commonly accept and high-tech and professional occupations requiring college degrees that native elites occupy. The gradual disappearance of intermediate opportunities also bears directly on the race between first-generation economic progress and second-generation expectations[...]” (PORTES; ZHOU, 2005, p. 86).

não muito diferentes daquelas exercidas por seus pais (GANS, 1992 apud PORTES; HALLES; FERNANDEZ-KELLY, 2008, p. 14).

No entanto, ao falar dos caminhos segmentados, Portes; Halles; Fernandez-Kelly (2008) deixam claro que as evidências indicam que a maioria da segunda geração estaria se assimilando de forma ascendente, mas que parte considerável estaria se assimilando descendentemente. Todavia, conquanto a parcela que estaria se assimilando de forma descendente seja minoria, o grupo seria bastante volumoso. Logo, seria necessário compreender as trajetórias que resultam em assimilações tão distintas.

Desse modo, falar em assimilação segmentada não significaria dizer que a maioria da segunda geração irá majoritariamente se assimilar de forma descendente. Ao contrário, ao invés de uma assimilação uniforme, nos dias de hoje, a assimilação tem ocorrido de formas distintas para os diferentes grupos de segunda geração. Por conseguinte, compreender como e o porquê dessas distintas assimilações seria importante para entender os resultados da integração da segunda geração na sociedade receptora.

SEGUNDA GERAÇÃO: O CASO PAULISTA

No Brasil, também há uma “nova segunda geração”, ou seja, os descendentes da nova corrente imigratória de latino-americanos para o país. Mas apesar de muitos estudos (PAIVA, 2007; SILVA, 2008) já terem sido realizados sobre a primeira geração desses imigrantes, pouco se conhece sobre a realidade da segunda geração. O fluxo imigratório latino-americano para São Paulo data de pelo menos 40 anos atrás e um contingente expressivo de famílias imigrantes formou-se na cidade de São Paulo, fato associado ao próprio fenômeno migratório em si, ao processo de reunificação familiar e formação de novas famílias.

Na cidade de São Paulo, a segunda geração da corrente imigratória de latino-americanos para o país é presença marcante nas regiões centrais da cidade, principalmente nas escolas públicas, que chegam a ter até 50% dos seus alunos de origem estrangeira. Apesar disso, pouco se sabe sobre

essas crianças e adolescentes, tanto em termos quantitativos como em termos qualitativos.

Assim como para a primeira geração, cujo exato número de estrangeiros latino-americanos, na cidade de São Paulo, ainda permanece desconhecido e divergente entre as fontes oficiais e as provenientes de instituições de apoio ao migrante; no tocante à segunda geração, o cenário é bastante parecido. Decorrente disso, a mensuração do tamanho da segunda geração também se faz ainda mais difícil, resultado tanto da indocumentação característica do fluxo, como da falta de dados confiáveis a respeito do volume do grupo. Fato agravado, uma vez que parte da segunda geração é brasileira e, portanto, nas fontes oficiais, é considerada como tal, mascarando a origem familiar estrangeira.

Porém, apesar da invisibilidade das comunidades latino-americanas na metrópole paulista, a formação da segunda geração de imigrantes latino-americanos pode ser observada nos microdados do Censo 2000. E, desse modo, o objetivo do trabalho em foco vai além de debater a questão da segunda geração em São Paulo, mas também demonstrar e evidenciar a importante presença desse grupo a partir dos dados do Censo 2000. As análises serão feitas por meio da observação e descrição das estruturas etárias das famílias em questão, ou seja, da primeira geração e a geração 1.5 (declarados estrangeiros no Censo) e da segunda geração.

METODOLOGIA

Com objetivo de observar a presença da segunda geração de latino-americanos na cidade de São Paulo, a metodologia adotada foi a análise dos microdados da amostra expandida do Censo Demográfico 2000. Foram analisados, para tanto, os dados referentes aos imigrantes latino-americanos que registraram maior presença na cidade, ou seja, provenientes da Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai. Para análise dessa segunda geração foi realizada a reconstituição domiciliar desses imigrantes com o objetivo de captar, a partir do Censo Demográfico de 2000, as famílias com presenças de filhos nascidos no país estrangeiro e filhos nascidos no Brasil.

A reconstituição e o estabelecimento das relações familiares foram realizados a partir da variável do Censo “relação com o responsável pelo domicílio”. Para tanto, as gerações foram diferenciadas em primeira geração – para estrangeiros que chegaram já adultos no Brasil –, geração 1.5 – para estrangeiros que chegaram ainda crianças ou jovens (no caso deste artigo, para todos os estrangeiros que foram declarados como filhos em relação à variável relação com o responsável pelo domicílio, no Censo 2000) – e segunda geração para indivíduos que foram declarados como filhos e que nasceram no Brasil, mas tinham ao menos um dos pais de nacionalidade latino-americana.

PRIMEIROS RESULTADOS

Segundo dados do Censo IBGE de 2000, na cidade de São Paulo, residiam 7.722 bolivianos, 5.183 argentinos, 5.189 chilenos, 2.277 uruguaios, 1.834 peruanos, 1.420 paraguaios, conforme demonstra a tabela 1. No entanto, esses dados não distinguem os imigrantes de primeira geração, ou seja, que migraram adultos, e a geração 1.5, ou seja, as crianças que nasceram no exterior, mas vieram ainda jovens para o Brasil.

TABELA 1 - Estrangeiros residentes segundo país de nascimento (Mercosul). Município de São Paulo – 2000

| País | Total |
|------------------|-------|
| Argentina | 5.183 |
| Bolívia | 7.722 |
| Chile | 5.180 |
| Paraguai | 1.420 |
| Peru | 1.834 |
| Uruguai | 2.277 |

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000. Amostra expandida. Tabulações especiais.

Logo, com o objetivo de distinguir o volume de estrangeiros de primeira geração, geração 1.5 e segunda geração, foram realizadas tabulações especiais para diferenciar as gerações em questão. Realizada essa distinção foi possível observar a presença da segunda geração e da geração 1.5. Na tabela 2, fica evidente que parte do contingente considerado como

estrangeiros, ou seja, pessoas declaradas como estrangeiros no Censo 2000, não são estrangeiros de primeira geração, e sim da geração 1.5, embora perfaçam a menor parte. Mas, ao reconstituir os domicílios e observar a presença de filhos/enteados, nota-se como a presença da segunda geração e da geração 1.5 é importante tanto no volume desses domicílios como na composição. Entre aqueles declarados como filhos, é possível observar que a maioria é de segunda geração, ou seja, nascidos no Brasil, mas com um dos responsáveis de nacionalidade estrangeira. Logo, é possível notar a importância, em termos quantitativos, da segunda geração nos domicílios com presença de responsável pelo domicílio ou cônjuge estrangeiro.

TABELA 2 - Total de pessoas no domicílio por gerações. Município de São Paulo – 2000

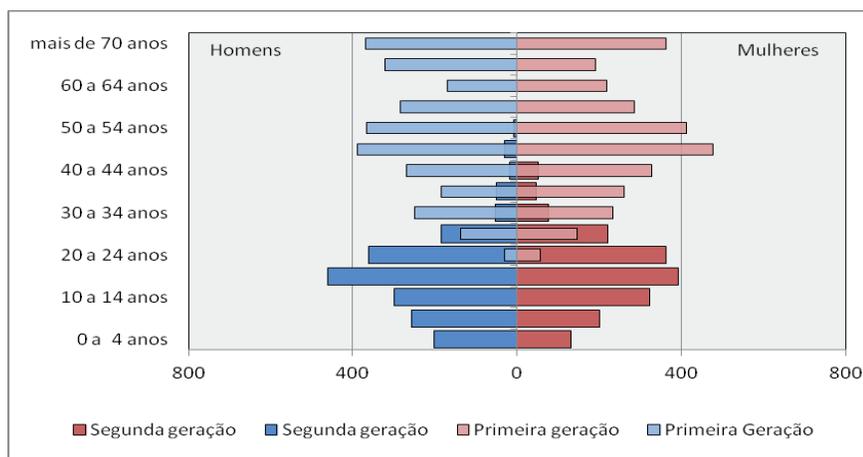
| País de origem | Argentina | Bolívia | Chile | Paraguai | Peru | Uruguai |
|---|------------------|----------------|--------------|-----------------|-------------|----------------|
| <i>Total de estrangeiros</i> | 5.183 | 7.722 | 5.180 | 1.420 | 1.834 | 2.277 |
| <i>Total de filhos</i> | 3.728 | 5.824 | 4.394 | 1.270 | 1.126 | 2.029 |
| <i>Total de geração 1.5</i> | 664 | 936 | 807 | 84 | 236 | 222 |
| <i>Total de segunda geração</i> | 3.064 | 4.888 | 3.587 | 1.186 | 890 | 1.807 |
| <i>Total de imigrantes de primeira, 1.5 e segunda geração</i> | 8.911 | 13.546 | 9.574 | 2.690 | 2.960 | 4.306 |

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000. Tabulações especiais.

No caso da imigração argentina para São Paulo, foi possível observar que o total de filhos somou 3.728, sendo 3.064 da segunda geração e 664 da geração 1.5. Dado o fluxo de argentinos para o Brasil ser menos recente, é possível observar que a estrutura etária da população estrangeira argentina é bastante envelhecida, com maior parte de seu contingente acima dos 40 anos. No entanto, ao observar a estrutura etária do grupo levando em consideração seus descendentes, ou seja, a segunda geração, conforme o gráfico 1, é possível observar uma estrutura etária, embora envelhecida, ainda com um grande volume de jovens e crianças, apesar de a base da pirâmide demonstrar uma tendência ao estreitamento para o ano de 2000. A idade média entre os responsáveis pelo domicílio e cônjuge foi

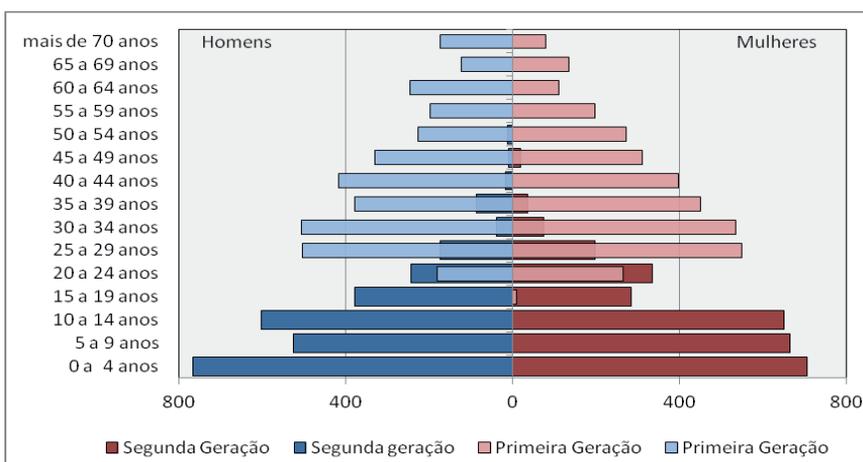
de 51,5 anos, enquanto a idade média para os filhos/enteados foi de 17,5 anos. Logo, a idade média, levando em consideração pais e filhos, foi 34,5 anos, o que mostra o claro rejuvenescimento da comunidade argentina na cidade quando se leva em conta as duas gerações conjuntamente. A idade média, considerando todos os residentes dos domicílios, foi bastante similar, ou seja, de aproximadamente 38 anos.

GRÁFICO 1 - Estrutura etária da população argentina – Primeira e Segunda Gerações. Município de São Paulo, 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

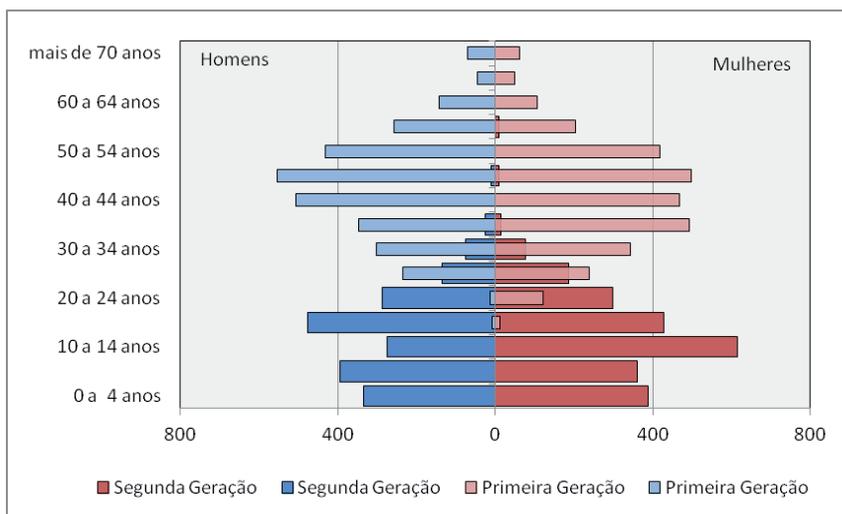
GRÁFICO 2 - Estrutura etária da população boliviana – Primeira e Segunda Geração. Município de São Paulo, 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Já no caso da imigração de bolivianos para São Paulo foi possível notar um total de filhos de 5.824; 4.888 da segunda geração e 936 da geração 1.5 para o ano de 2000. Conforme o gráfico 2, ao analisar a estrutura etária da população de nacionalidade boliviana em São Paulo, foi possível observar uma estrutura com grande volume de adultos e volume reduzido de crianças e idosos, característica de uma pirâmide etária de uma população migrante de fluxo recente, embora o fluxo boliviano para o Brasil tenha se intensificado a partir dos anos 1970. No entanto, ao analisar a estrutura etária das gerações em conjunto, detecta-se uma pirâmide etária bastante jovem, com grande volume de crianças e jovens, fato que pode ser também demonstrado a partir da idade média do grupo. A idade média do total de pessoas nos domicílios foi de 27,5 anos, no entanto a idade média dos responsáveis foi de 41,4 anos, enquanto a idade média dos filhos foi de aproximadamente 12 anos. Ou seja, a inclusão da segunda geração de bolivianos rejuvenesce a estrutura etária do grupo em questão.

GRÁFICO 3 - Estrutura etária da população chilena – Primeira e Segunda Geração. Município de São Paulo, 2000

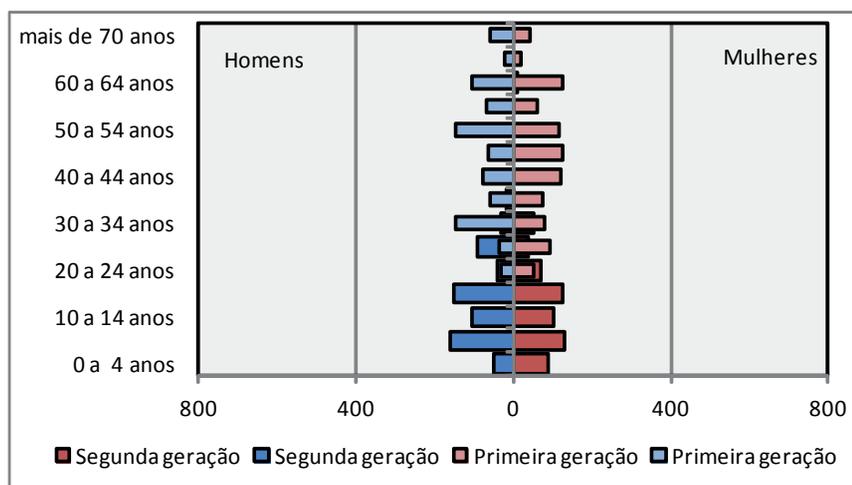


Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Em relação aos estrangeiros de nacionalidade chilena, individuou-se a presença de 4.394 filhos; 3.587 da segunda geração e 807 da geração 1.5. Em relação à estrutura etária da população da primeira geração, assim

como no caso dos estrangeiros argentinos, é possível observar uma estrutura etária adulta, contudo em processo de envelhecimento, destacando o pequeno volume de crianças e jovens e uma maior presença de homens para a primeira geração. Mas, ao observar a estrutura etária da primeira e da segunda geração em conjunto, pode-se perceber uma presença importante de crianças e jovens. De acordo com o gráfico 3, ao considerar a população chilena em suas duas gerações, detecta-se como a presença da segunda geração é importante. A idade média da segunda geração chilena foi de 14 anos, enquanto dos responsáveis foi de 44 anos e para o total de pessoas no domicílio foi de 31 anos. Mais uma vez confirma-se como a presença da segunda geração exerce um papel importante no rejuvenescimento da população chilena em São Paulo.

GRÁFICO 4 - Estrutura etária da população paraguaia – Primeira e Segunda Geração. Município de São Paulo, 2000



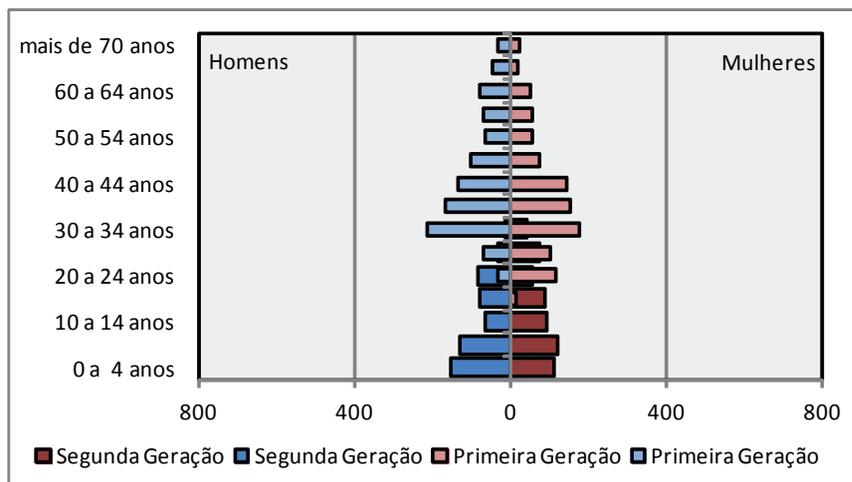
Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

No caso dos paraguaios, foi possível observar a presença de 1.270 descendentes diretos; 1.186 da segunda geração e 84 da geração 1.5. Em relação à estrutura etária da população paraguaia, na cidade de São Paulo, evidenciou-se uma estrutura em processo de envelhecimento, no entanto, ao focalizar a estrutura etária em conjunto com a segunda geração, foi

possível perceber um grande volume de crianças e jovens nessa população, assim, rejuvenescendo fortemente a estrutura etária do grupo em questão. Ademais, o volume da segunda geração é bastante similar ao volume da primeira geração. A idade média das pessoas presentes nos domicílios que eram chefiados ou tinham como cônjuge ao menos um paraguaio foi de 32,5 anos, enquanto a idade média dos responsáveis ou cônjuges em separado foi de 46,5 anos. Entre os filhos, a idade média foi de 15 anos, demonstrando bastante diversidade em termos de idade da população em questão (Cf. Gráfico 4).

Já no caso dos imigrantes peruanos, o total de filhos foi de 1.126; 890 da segunda geração e 236 da geração 1.5. Ao analisar a pirâmide etária da primeira geração de peruanos (Cf. Gráfico 5), nota-se uma estrutura etária bastante adulta e masculina, considerando que o fluxo migratório peruano para São Paulo é recente. A idade média da primeira geração foi de aproximadamente 41 anos. No entanto, ao examinar a pirâmide somando as duas gerações, é possível divisar um alargamento da base, com presença crescente de crianças e jovens e a idade média de 31 anos, ou seja, dez anos mais jovem. Conquanto a presença de crianças não seja tão massiva, para a segunda geração de peruanos a idade média foi de aproximadamente 13 anos.

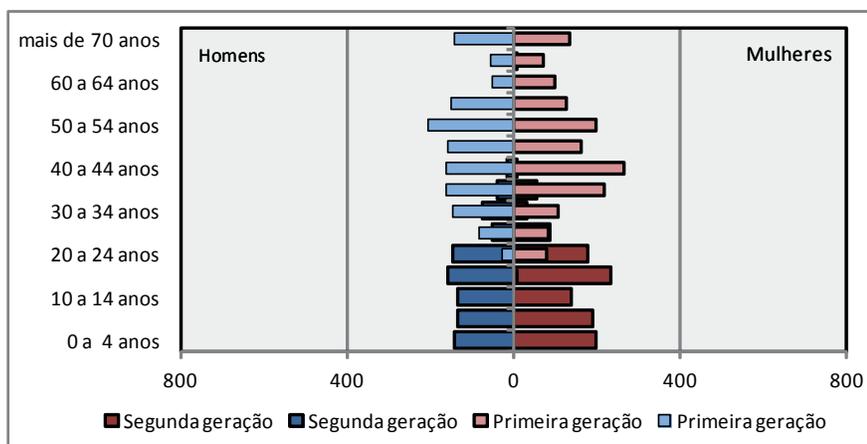
GRÁFICO 5 - Estrutura etária da população peruana – Primeira e Segunda Geração. Município de São Paulo, 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Em relação à população uruguaia na cidade de São Paulo, o total de filhos foi de 2.029, 1.807 da segunda geração e 222 da geração 1.5. Considerando que o fluxo uruguaio para São Paulo não é recente, ressaltou-se uma estrutura etária da primeira geração bastante adulta e envelhecida, ademais, com maior presença de homens. (Cf. Gráfico 6) A idade média da primeira geração foi 47,3 anos. No entanto, levando em conta a segunda geração, foi possível observar uma estrutura etária com forte presença de adultos, porém com relevante presença de crianças e jovens, gerando uma pirâmide em formato quase retangular. Sendo a idade média da segunda geração 15,8 anos e para o total de pessoas 34,1 anos.

GRÁFICO 6 - Estrutura Etária da população uruguaia - Primeira e Segunda Geração. Município de São Paulo, 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Logo, revelou-se que a segunda geração é presente em todas as nacionalidades analisadas, mesmo tendo diferentes fluxos e características socioeconômicas bastante distintas entre eles. Além disso, foi possível observar como a segunda geração tem importante influência no rejuvenescimento das populações em questão, bem como são importantes no contexto do domicílio imigrante, demonstrando que, para além dos estrangeiros, as crianças de origem imigrante também são presentes em grande número na cidade de São Paulo.

Ademais, a segunda geração e a geração 1.5 aqui analisadas, em sua maioria, estão em idade escolar e grande parte frequenta as escolas públicas da cidade. No entanto não existem políticas públicas voltadas para essas crianças, que, por vezes, enfrentam problemas como dificuldade de entender o português, preconceitos, entre outros. Logo, faz-se necessário pensar nos imigrantes para além da primeira geração, vislumbrando, também, os seus descendentes e os problemas enfrentados pelos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo principal demonstrar a importância da presença da segunda geração e da geração 1.5 de latino-americanos na cidade de São Paulo e, para tal, buscou descrever o volume das distintas gerações latino-americanas a partir dos dados do Censo Demográfico de 2000.

Logo, percebe-se que, ao levar em conta a questão dos filhos dos imigrantes, o volume das populações de imigrantes mencionadas foi grandemente ampliado, demonstrando a importância da segunda geração para entender a dinâmica do grupo em questão. Portanto, pode-se concluir que, ao restringir os estudos migratórios apenas a questões relacionadas à primeira geração, empobrece-se o entendimento das comunidades migrantes e do fenômeno migratório em si. Ou seja, não são observados os efeitos indiretos decorrentes dessa imigração.

Ademais, ao analisar a estrutura etária dessas populações, foi possível verificar, no geral, para toda a primeira geração uma estrutura etária adulta e com pequena presença de crianças e jovens. No entanto, focando as estruturas etárias da primeira e segunda gerações em conjunto, individuou-se um rejuvenescimento da estrutura, com importante presença de crianças e jovens, demonstrando, assim, a importância da segunda geração ao serem analisadas as populações imigrantes na cidade de São Paulo e na composição dessas famílias. Além dos impactos da primeira geração em São Paulo, também, deve-se buscar entender a questão a partir de um ponto de vista mais amplo, levando em consideração ambas as gerações, considerando que as análises aqui realizadas evidenciaram uma constante para todas as nacionalidades em questão no tocante ao rejuvenescimento das estruturas etárias.

Tal dado pode parecer inexpressivo, pois sempre, numa população com relevante volume de crianças e jovens, a tendência é que a estrutura etária seja mais jovem. No entanto, geralmente, quando são pesquisadas populações imigrantes, leva-se em conta apenas as pessoas de nacionalidade estrangeira, deixando de lado seus descendentes. Por isso, este artigo visou a enfatizar a importância de analisar os imigrantes latino-americanos em São Paulo em conjunto com seus descendentes, principalmente quanto àqueles da segunda geração nascidos no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ANTICO, C. Imigração internacional no Brasil durante a década de 80: explorando alguns dados do Censo de 1991. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO DA ABEP, 1998. *Anais...* Caxambu: ABEP, 1998. p. 665-685.
- BAENINGER, R.; LEONCY, C. Perfil dos estrangeiros no Brasil segundo autorizações de trabalho (Ministério do Trabalho e Emprego) e registro de entradas e saídas na polícia federal. In: CNPD. *Migrações internacionais – Contribuições para políticas*. Brasília, DF: IPEA, 2001. p. 187-242.
- BATISTA JR, P. N. A América do Sul em movimento. *Revista de Economia Política*, v. 28, n. 2 (Issue 110), p. 226-238, abr.-jun. 2008.
- CYMBALISTA, R.; XAVIER, I. R. *A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade*. São Paulo: ANPOCS, 2007. (Paper Anpocs).
- DOMENACH, H.; PICOUET, M. *Les migrations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- _____. El carácter de reversibilidad en el estudio de la migración. *Notas de Población*, Celade. Revista Latinoamericana de Demografía. Anos XVIII. Santiago de Chile, CELADE, n.49, 1990.
- FAZITO, D. Análise de Redes Sociais e a Migração: Mito e realidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. *Anais...* Ouro Preto, MG: ABEP, 2002.
- FAUSTO, B. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1991.
- FIORI, José L. Ajustes e milagres latino-americanos. In: FIORI, J. L. *Os Moedeiros Falsos*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1997.
- KADLUBA, R. F. C. (Coord.). *Projeto Urb-Al Rede 10. A imigração na cidade de São Paulo: integração dos imigrantes como forma de combate à pobreza*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo/Instituto UNIEMP, 2007. Disponível em: <http://www.projetoindustria.com.br/i-migrantes/noticias/imgracao_em_sao_paulo.pdf>.
- KASINITZ, P; MOLLENKOPF, J. H.; WATERS, M. C. Worlds of the second generation. In: _____. *Becoming New Yorkers: ethnographies of the new second generation*. New York: Russell Sage Foundation, 2004. p.1-19.

- MEDEIROS, Carlos A. Globalização e a inserção internacional diferenciada da Ásia e da América Latina. In: FIORI, J. L.; CONCEIÇÃO, M. T. *Poder e dinheiro: uma economia política da globalização*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 279-346.
- PAIVA, O. C. *A imigração de latino-americanos para São Paulo (Brasil): dois tempos de uma mesma história*. São Paulo: Pastoral do Imigrante, 2007. Disponível em: <<http://www.memorialdoimigrante.org.br/arquivos/artigofranca.pdf>>. Acesso em: set. 2009.
- PATARRA, N. L.; BAENINGER, R. Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.21, n.60, p. 84-102, fev. 2006.
- _____. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005.
- PATARRA, N. Migrações internacionais e integração econômica no cone Sul: notas para discussão. In: SALES, T.; SALLES, M. R. R. (Orgs). *Políticas migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior*. São Carlos: EdUFSCar/Sumaré, 2002. p. 31-52.
- PORTES, Alejandro. Preface. In: PORTES, Alejandro. *The New Second Generation*. New York: Russel Sage Foundation, 1996. p. IX-X.
- _____. Introduction: Immigration and its Aftermath. In: PORTES, Alejandro. *The New Second Generation*. New York: Russel Sage Foundation, 1996. p. 1-7.
- PORTES, A.; ZHOU, M. The new second generation: segmented assimilation and its variants. In: SUÁREZ-OROZCO, M; SUÁREZ-OROZCO, C; QIN, D. B. *The new immigration: an interdisciplinary reader*. New York: Taylor & Francis Group, 2005. p. 85-101.
- PORTES, A; HALLER, W; FERNANDEZ-KELLY, P. Filhos de imigrantes nos Estados Unidos. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, v. 20, n. 1, p. 13-50, 2008.
- SILVA, Sidney A. *Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- _____. Latino-americanos em São Paulo: aspectos de sua reprodução social e perspectivas. In: XXII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1998. *Anais...* Caxambu: 1998. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br/encontro/1998/1998.htm>>. Acesso em: set. 2009.
- _____. *Faces da latinidade: Hispano-americanos em São Paulo*. Campinas: UNICAMP, 2008. n.55 (Coleção Textos NEPO).
- SALES, T. A organização dos imigrantes brasileiros em Boston, EUA. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.19, n.3, jul./set. 2005.
- _____. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SALES, T; LOUREIRO, M. Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, v. 21, n. 2, p. 217-239, jul./dez. 2004.